



**GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**



CÉSAR VICENTE DA COSTA

**O *FACEBOOK* COMO ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DE
TEXTOS DE UMA TURMA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

SINOP
2015

CÉSAR VICENTE DA COSTA

**O *FACEBOOK* COMO ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DE
TEXTOS DE UMA TURMA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Área de concentração em Linguagem e Letramentos, com Linha de Pesquisa em Leitura e Produção Textual: Diversidade social e práticas docentes. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT *Campus* SINOP.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz

SINOP

2015

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C837f Costa, César Vicente da.

O Facebook como espaço de circulação e socialização de textos de uma turma do 9º ano do ensino fundamental / César Vicente da Costa. – Sinop, 2015.

81 p.

Orientadora: Dra. Mônica Cidele da Cruz.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Sinop, Faculdade de Educação e Linguística, Programa de Pós-graduação Profissional em Letras.

1. Redes Sociais - *Bullying*. 2. Sequência Didática. 3. Mestrado Profissional em Letras. I. Cruz, Mônica Cidele da, Dra. II. Título.

CDU 82:004.4

CÉSAR VICENTE DA COSTA

**O FACEBOOK COMO ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DE
TEXTOS DE UMA TURMA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Área de concentração em Linguagem e Letramentos, com Linha de Pesquisa em Leitura e Produção Textual: Diversidade social e práticas docentes. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT *Campus* SINOP.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/ Tangará da Serra
(Presidente)

TITULARES

Prof. Dra. Águeda Aparecida da Cruz Borges
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT/Barra do Garças

Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

SUPLENTES

Prof. Dra. Maria Leda Pinto
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS/Campo Grande

Prof. Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Aprovada em: 11 de agosto de 2015.

Local da defesa: CEI – *Campus* Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso

Dedico esse trabalho a meu pai
Aristides Vicente da Costa e a
minha mãe Maria Dolores
Nistron, por me orientar no
caminho da retidão e do
conhecimento.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Doutora Mônica Cidele da Cruz, pelas observações e contribuições que deram suporte para esse trabalho.

À professora Doutora Luzia A. Oliva dos Santos, pelo brilhante e árduo trabalho desenvolvido na Coordenação do Mestrado Profissional – PROFLETRAS.

A todos os professores do PROFLETRAS/UNEMAT/SINOP pela dedicação e pelo conhecimento compartilhado.

Aos avaliadores, Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho e Profa. Dra. Àgueda Aparecida da Cruz Borges, pelas observações e contribuições.

Ao Profissional Técnico da Educação Superior, Jeferson Odair Diel que com sua dedicação e profissionalismo auxiliou a todos os mestrandos.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização deste mestrado.

Aos colegas mestrandos pelo apoio e parceria nesses dois anos.

À Direção, Coordenação, secretaria e professores da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin pela colaboração e companheirismo.

Aos alunos do 9º ano C, da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin que se dedicaram ao máximo, para que essa pesquisa tivesse sucesso e me auxiliaram nessa minha caminhada de professor pesquisador.

À minha esposa por compreender minhas ausências e me apoiar incondicionalmente.

À minha família, especialmente, a meus irmãos Sidinei Vicente da Costa, Edinei Vicente da Costa e Valdinei Gustavo Nistrón, por me apoiarem e me substituírem na regência de classe, das minhas turmas, nas aulas em que estive ausente.

Muito obrigado!

Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos [...].

Roxane Rojo

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar o problema do *bullying* na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, localizada na Rua Padre Ezequiel Ramin nº 119, Bairro módulo 5. CEP: 78320-000 Juína – MT, a partir de sequências didáticas, baseadas em Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly, e Michèle Noverraz (2004), para o trabalho com os gêneros orais e escritos. Os gêneros textuais escolhidos foram a “enquete” e a “entrevista jornalística”. Adotou-se a concepção de linguagem como forma de interação, e o modelo de pesquisa foi a pesquisa-AÇÃO, na qual o professor pesquisador realizou intervenções diretas durante um bimestre letivo, em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, composta de trinta e dois alunos. Para a estrutura do trabalho, buscou-se uma fundamentação teórica baseada em estudiosos de renome tais como: Bakhtin (1997), Geraldi (2006), Marcuschi (2008), Rojo (2012), Bortoni-Ricardo (2013), entre outros. Para a realização das atividades, utilizou-se o trabalho em duplas e em grupos mistos, em que alunos mais experientes com a linguagem auxiliavam os menos experientes. As tecnologias disponíveis foram o laboratório de informática da escola e os celulares dos alunos, utilizados pedagogicamente. O gênero “enquete” foi aplicado para 81 alunos do ensino fundamental e constatou-se que, 39 pesquisados sofrem *bullying*, 32 deles na escola e desses 32 apenas 3 procuram ajuda na coordenação/direção e 11 falaram com o professor (a). Na realização da entrevista com uma das coordenadoras, observou-se que a coordenação e os professores, estão preparados para lidar com esse tipo de situação, entretanto dos 32, apenas 14 procuraram esses profissionais. Há que se melhorar a comunicação entre coordenação, professores e alunos. Tanto a enquete, quanto a entrevista, foram disponibilizadas na rede social *Facebook*, no seguinte *link*: <https://www.facebook.com/groups/382864901910873/>. O *Facebook* foi escolhido como meio de circulação e socialização dos textos pelo fato dos alunos estarem, frequentemente, “conectados” a ele.

Palavras-chave: *bullying*, sequência didática, enquete, entrevista jornalística, *Facebook*.

ABSTRACT

The objective of this research was to investigate the problem of bullying in State school Priest Ezequiel Ramin, located on Padre Ezequiel Ramin street, number 119, Neighborhood 5 module. ZIP CODE: 78320 – 000 Juína-MT, from didactic sequences, based on Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly, and Michèle Noverraz (2004), to work with the oral and written genres. The text genres chosen were the "poll" and "journalistic interview". Adopted the concept of language as a form of interaction, and the research model was the action-research, in which the teacher researcher held direct interventions during a quarter, school in a class of ninth grade of elementary school, composed of thirty-two students. For the structure of the work, to a theoretical foundation based on renowned scholars such as Bakhtin (1997), Geraldi (2006), Marcuschi (2008), Rojo (2012), Bortoni-Ricardo (2013), among others. To carry out the activities, work in pairs and in groups, in which more experienced students with language assisted the inexperienced. The technologies available were the computer lab of the school, and the students ' cell phones, used pedagogically. The genre "poll" was applied to 81 elementary school students and found that 39 respondents suffer bullying, 32 of them in school and of these 32 only 3 seek help in the coordination/direction and 11 spoke with the teacher. In an interview with one of the coordinators, it was evidenced that the coordination and the teachers are prepared to deal with this kind of situation, however the 32, only 14 sought these professionals. It's necessary to improve communication between coordination, teachers and students. Both the poll, as the interview were made available on social network Facebook, at the following at the link: <https://www.facebook.com/groups/382864901910873/>. Facebook was chosen as a means of movement and socialization of the texts by the fact that the students are often "connected" to him.

Keywords: bullying, didactic sequence, poll, newspaper interview, Facebook.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Você já sofreu <i>bullying</i> ? Em que lugar?.....	48
Gráfico 2 – Como você reagiu após sofrer <i>bullying</i> ?	48
Gráfico 3 – Você já praticou <i>bullying</i> ? Em que lugar?	49
Gráfico 4 - O Que você acha que deveria acontecer com a pessoa que pratica o <i>bullying</i> ?	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	12
1.1 AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA E O MULTILETRAMENTO.....	12
1.2 O <i>FACEBOOK</i> COMO ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO DE TEXTOS.....	16
1.3 CONCEITUANDO OS GÊNEROS TEXTUAIS	18
1.4 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM	19
1.5 A ESCRITA NUMA CONCEPÇÃO INTERACIONAL	21
1.6 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	22
1.7 O PROCESSO DE REVISÃO E REESCRITA: UMA NECESSIDADE	24
1.8 AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: UMA SUGESTÃO	24
1.8.1 Sequência Didática I.....	25
1.8.2 Sequência Didática II.....	32
CAPÍTULO II	38
2.1 METODOLOGIA	38
CAPÍTULO III	41
3.1 ANÁLISE.....	41
3.2 ENTREVISTA COM A COORDENADORA RAQUELINE BERNARDI.....	57
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS.....	65
ANEXOS	68

INTRODUÇÃO

A presente proposta nasceu apoiada em uma temática muito discutida atualmente no meio escolar: o *bullying*. O trabalho de intervenção foi desenvolvido em uma turma do 9º ano “C”, da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, em Juína - MT. A referida turma é umas das quais em que eu atuo como professor regente. Escolhi trabalhar com esse tema, a partir das reclamações que os alunos faziam a respeito de estarem sofrendo *bullying* em sala de aula. A partir desses relatos dos alunos da turma, reportagens e notícias veiculadas pela mídia em geral, percebi que o ambiente escolar é um dos que mais apresentam características para o desenvolvimento do *bullying*.

Em leitura realizada no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, constatei que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) vai baixando, conforme os alunos avançam para a última fase do ensino fundamental: o 9º ano (8ª série). Para despertar o interesse dos educandos, envolvidos no projeto, houve a necessidade de se trabalhar o tema integrado com as novas tecnologias/metodologias para o ensino e aprendizagem da escrita em sala de aula. Para isso, utilizei a rede social *Facebook* (que os alunos utilizam e dominam) como espaço de circulação dos textos produzidos, para motivá-los a se dedicarem à escrita exigida na escola, que pede um padrão mais elaborado. Foi um grande desafio, as redes sociais têm uma escrita livre das regras que nós professores de Língua Portuguesa impomos aos nossos alunos nas suas produções. O modelo de pesquisa adotado foi a pesquisa-AÇÃO, na qual houve intervenções diretas, em que assumi a função de professor mediador e pesquisador ao mesmo tempo, durante um bimestre letivo.

Para investigar o problema do *bullying* na escola, escolhi dois gêneros textuais: a enquete e a entrevista jornalística. E, a partir de sequências didáticas, trabalhei o tema e, conseqüentemente, os gêneros em questão. A sequência didática sugerida por Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly e Michèle Noverraz (2004), encaixou-se nas atividades previstas. Segundo os autores, “uma ‘sequência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. (p. 97). Rojo (2012) nos chama a atenção para o uso de novas tecnologias na escola, uma vez que “ela também pode

incorporar cada vez mais o uso das tecnologias digitais para que os alunos e os educadores possam aprender a ler, escrever e expressar-se por meio delas”. (p. 36).

A utilização da sequência didática, aliada aos recursos disponíveis no meio virtual e o encantamento que os alunos demonstram, principalmente, ao *Facebook*, tornou possível um trabalho sistematizado em torno dos gêneros textuais eleitos.

Por esses aspectos expostos acima, é que escolhi o *Facebook* como espaço de circulação e socialização dos textos produzidos pelos meus alunos, pois através do meu perfil de usuário nessa rede social, percebi que a maioria deles estavam conectados, e pelas publicações eles permaneciam conectados por muito tempo. Essa conexão favoreceu o trabalho sobre o *bullying*, que é o tema principal desse trabalho.

Na estrutura do trabalho, apresento uma fundamentação teórica baseada em estudiosos de renome tais como: Bakhtin (1997), Dolz, Bernard Schneuwly, e Michèle Noverraz (2004), Geraldi (2006), Marcuschi (2008), Rojo (2012) entre outros. Como parte dessa fundamentação, inseri na integra duas sequências didáticas, para que sirvam de sugestão para o trabalho com gêneros textuais diversos, sejam orais ou escritos, visto que não são estáticas e podem ser adaptadas, de acordo com o objetivo do professor ou pesquisador. Depois disso, vem uma breve apresentação da metodologia empregada.

Na metodologia chamo atenção para o trabalho em grupo e em duplas. Os mais habilidosos com a linguagem interagem com os menos habilidosos na construção do conhecimento. Como sou o professor regente da turma foi fácil identificar os que se destacavam nas atividades realizadas anteriormente a esse trabalho. Para finalizar apresento uma análise minuciosa, na qual apresento como se desenvolveu o trabalho em sala de aula e os produtos finais por ela gerados.

Nas considerações finais, realizo uma reflexão sobre a importância da teoria aliada à prática para o êxito no fazer pedagógico.

CAPÍTULO I

1.1 AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA E O MULTILETRAMENTO

São grandes as dificuldades encontradas nas aulas de Língua Portuguesa, no que se refere à leitura e à escrita. Não raro, ouve-se dizer entre os professores de Língua Portuguesa e, também, das outras disciplinas, que os alunos não gostam de ler e nem de escrever. No entanto, observo diariamente, os mesmos professores queixando-se de que os educandos não prestam atenção nas aulas por causa dos celulares. Eles escrevem e mandam mensagens de texto para os colegas durante as aulas, até mesmo, durante as avaliações. É comum também, se conectarem nas redes sociais, em especial, pelo *Facebook* para lerem, curtirem e comentarem as publicações dos amigos.

Considerando esses fatos, podemos perceber que os alunos gostam de ler e escrever, mas só não o fazem pelos canais que os professores julgam mais adequados, ou seja, o quadro negro, o caderno e as folhas avaliativas (provas). No *Facebook*, seja pelo computador, *notebook*, *tablets* ou pelo celular, eles sempre estão lendo e escrevendo textos verbais e não verbais, estão interagindo com parentes, amigos, conhecendo novas pessoas e se relacionando virtualmente.

No trabalho com alunos do ensino fundamental, na escola pública, principalmente, percebemos essa problemática em relação à leitura e à escrita, pois não existe estímulo suficiente para que eles possam desenvolver a “leitura e escrita da escola”. Conforme Rojo (2012, p. 36), “se levarmos em conta a gama diversa de textos disponíveis, a escola ainda se restringe ao texto impresso e não prepara o aluno para a leitura de textos em diferentes mídias”. A autora segue, (op. cit., p. 39), “[...] livros didáticos “engessados” e práticas descontextualizadas dão lugar à hipermídia [...]”. Partindo desses pressupostos, podemos perceber que há uma lacuna a ser preenchida nesse campo.

Nesse sentido, podemos e devemos buscar maneiras de utilizar o gosto pela leitura e pela escrita que os alunos demonstram ao se dedicarem às mensagens de textos via celular, aos vídeos do *Youtube* e, principalmente, ao *Facebook* para formar leitores e escritores competentes, para que possam ter autonomia na sua

vida social e, conseqüentemente, ampliem seu letramento, frente à sociedade na qual estão inseridos. Como preconiza Rojo (op., cit., p. 39):

[...] a capacidade de criação é desafiada; ler e escrever deixa de ser o fim, para ser o meio de produzir saberes e, além disso, compartilhá-los numa relação dialógica. As tecnologias devem ser objeto de ensino e não somente ferramenta de ensino.

Neste contexto, podemos buscar alternativas para fazermos com que o conhecimento sistematizado, oferecido pela escola e pelos professores em relação à leitura, e à escrita possa se utilizar das redes sociais a que os alunos estão conectados quase que diariamente. Acreditamos que a união desses recursos tecnológicos com o trabalho realizado em sala de aula contribui para a formação de leitores e escritores mais competentes.

A sala de aula é um espaço privilegiado para a formação de leitores e escritores, e a língua portuguesa é a principal disciplina que tem a tarefa dessa formação. Para isso, destacamos o trabalho com o texto como unidade de ensino que tem como agregar mais elementos para a formação do leitor/escritor. Sendo assim:

O texto passa a ser a base do ensino que congrega as três práticas de linguagens apresentadas nos parâmetros: prática de leitura de textos orais/escritos, prática de produção de textos orais/escritos, prática de análise linguística (SANTOS; CUBA RICHE; TEIXEIRA, 2012, p. 16).

Cabe então ao professor saber integrar essas práticas para que os alunos possam desenvolver individualmente uma competência leitora/escritora como vemos:

Em instituições como a escola, em que se predomina a concepção da leitura e da escrita como conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas, até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal, a do usuário proficiente da língua escrita (KLEIMAN, 2007, p. 4).

A partir da leitura do livro *Multiletramentos na escola* (2012), organizado por Roxane Rojo e Eduardo Moura, tomamos conhecimento de sugestões e propostas que foram criadas a partir de sequências didáticas e com a utilização de novas tecnologias. Nele, vemos nitidamente que é possível integrar o conhecimento da

escola com a tecnologia que o aluno já domina fora dela ou clandestinamente dentro dela, principalmente no caso do celular que é proibido na maioria das escolas. No estado de Mato Grosso, a Lei nº 10.232, publicada no diário oficial no dia 29 de dezembro de 2014, proíbe o uso de celulares e afins nas salas de aula de ensino fundamental e médio. Apenas podem ser utilizados para fins pedagógicos. A base do trabalho desenvolvido no livro está fundamentada no conceito de multiletramentos, como segue:

[...] multiletramentos – é bom enfatizar - aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13).

Esse conceito refere-se à diversidade cultural das produções e circulações de textos e também sobre a diversidade de linguagens. Abre-se, assim, todo um leque para se trabalhar com o aluno de forma mais prazerosa e atrativa, pois os “multiletramentos” preconizam a interatividade com o uso da *internet*, das redes sociais, o trabalho com o hipertexto, o trânsito das informações é mais bem compartilhado e com um número maior de interlocutores.

Ainda citando Rojo (op., cit., p. 24), em relação à mídia digital e às ferramentas tecnológicas, observa-se que:

Essa mudança de concepção e de atuação, já prevista nas próprias características da mídia digital e da *web*, faz com que o computador, o celular e a TV cada vez mais se distanciem de uma máquina de reprodução e se aproximem de máquinas de produção colaborativa: é o que faz a diferença entre o *e-mail* e os *chats*, mas principalmente entre o *Word/Office* e o *GoogleDocs*, o *PowerPoint* e o *Prezi*, o *Orkut* (em sua concepção inicial) e o *Facebook*, o *blog* (em sua concepção inicial) e o *Twitter* ou o *Tumblr*. Todas essas ferramentas mais recentes permitem (e exigem, para serem interessantes), mais que a simples interação, a colaboração.

A educação deu um grande passo quando levou a TV, o computador, entre outras tecnologias para dentro da sala de aula. Isso tornou as aulas mais atrativas, o áudio e o visual integrados são muito mais atrativos do que o professor com o “quadro negro” e o giz apenas. Novamente novas tecnologias batem à porta, pedindo passagem e novamente vemos resistência por parte de alguns educadores.

Vemos claramente no trecho citado acima, que o uso das novas ou velhas tecnologias quando favorecem uma “produção colaborativa”, tornam-se mais interessantes. Temos de ver o lado positivo e utilizar com critérios ponderados para que isso venha auxiliar o nosso fazer pedagógico.

O espaço escolar é muito avesso a novidades e mudanças, no seu modo de conceber a educação como um todo, principalmente, no que concerne a sua matriz e estrutura curricular, ainda regido pelas disciplinas fragmentadas e desarticuladas entre si. Precisamos romper com o tradicional que não agrega valor ao conhecimento, vejamos:

Assim podemos dizer que a dificuldade inicial de ‘fazer diferente’ em sala de aula está em questionarmos a tradicional cultura escolar, deixando um tanto de lado a fragmentação dos saberes, a rígida disciplinarização e lançando-nos a um modo diferente de ensinar e aprender: eis o grande desafio para todos nós, professores, alunos, demais profissionais e componentes da comunidade escolar e do entorno (OLIVEIRA; TINOCO; SANTOS, 2011, p. 16-17).

Propor um projeto de intervenção em que se esperam resultados com apoio em uma rede social sempre será uma barreira a ser quebrada, no laboratório da escola em questão, tinha uma placa que proibia que os alunos acessassem o *Facebook*. A principal tarefa, nesse caso, foi conscientizar a comunidade escolar sobre a importância e a seriedade do trabalho a ser desenvolvido. Rojo (2012, p. 27) nos mostra uma forma diferenciada para se trabalhar com o celular que é o alvo principal das reclamações dos professores em sala de aula, “em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia”. Isso significa que é importante estarmos atentos com as novas tecnologias que adentram o espaço escolar e nos “aproveitarmos” disso para nossa prática, ao invés de marginalizar determinados suportes, muitas vezes mais interessantes do que aquela aula que foi preparada com tanto esmero pelo professor, mas que não cativa e não desperta a atenção do educando.

O *Facebook* será um grande aliado na tarefa de se levar as novas tecnologias para a sala de aula, os alunos o utilizam muito como veremos no próximo tópico, seus textos circularão com facilidade para serem curtidos, comentados e compartilhados.

1.2 O FACEBOOK COMO ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO DE TEXTOS

A tecnologia trouxe consigo novos avanços, meios de comunicação com os quais podemos interagir com pessoas do outro lado do mundo, vê-las como se estivéssemos um ao lado do outro, acompanhar acontecimentos que estejam sendo vivenciados no presente momento. Surgiram assim, novas formas de interação, que vão além do rádio, da televisão e do telefone. Gallardo (2013, p. 14) nos mostra que “a rede de computadores ampliou a conexão dada pela televisão e proporcionou uma comunicação mais íntima e com um nível mais interpessoal ao invés de mais geral, como a TV”. É nesse contexto que surge o *Facebook* que atrai pessoas de todas as idades.

Gallardo (2013, p. 34) mostra que:

Por outro lado, elas abriram possibilidades para o contato entre pessoas com diferenças étnicas, geográficas e culturais aprenderem através da interação, do conhecimento que circula nas redes egocêntricas conectadas entre si por caminhos até então improváveis.

Nesse mundo do *Facebook*, o internauta é convidado a postar fotos, vídeos, curtir as publicações, compartilhar, etc. Consegue ter acesso a várias pessoas ao mesmo tempo, interagem com parentes distantes, formam grupos de amigos e com atividades afins, negociam e faz com que as pessoas aparentem aquilo que gostariam de ser ou ter.

Reis et al. (2012, p. 2) afirmam que:

[...] na utilização da ferramenta virtual do *Facebook*, onde a comunicação se desenvolve em sua complexidade de se fazer conhecer novas vertentes de interação no compartilhar, comentar e aceitar posições comunicativas de comunidades que se comunicam entre si.

No mundo virtual do *Facebook*, as pessoas conseguem compartilhar sentimentos, pensamentos, protestos, cometer atos de repúdio a uma pessoa ou a um acontecimento. É uma forma de interagir com o outro próximo e com o mundo inteiro. Gallardo (2013, p. 34) explica que:

O resultado é a expansão cada vez maior deste *site* que conseqüentemente atrai não só amigos e familiares que querem manter contato, ou pessoas que querem fazer novas amizades, mas

anunciantes, patrocinadores e instituições interessadas em se conectar as redes formadas, não exatamente para encontrar amigos do passado ou cultivar amizades do presente, mas com interesses diversos.

São justamente por esses aspectos do contato com pessoas próximas e também as distantes que atraíram e ainda atraem um grande número de pessoas. A *internet* hoje faz parte da vida das pessoas. Faz-se necessário estar interligado à rede, seja por *E-mail*, *Skype* ou *Facebook*, é um meio de chamar a atenção de sua existência. Comprar e vender sem precisar sair de casa basta estar conectado.

Reis et al. (2012, p. 2) explicam que “a relação mediada pelo uso da *internet* modificou a maneira de ver, consumir e fazer comunicação, principalmente, através de aplicativos que constituem as “novas redes sociais”, ou as redes sociais digitais”.

No *Facebook*, você pode escolher com qual grupo ou pessoa deseja conversar, relacionar-se, negociar, acompanhar notícias do outro lado do mundo, contém joguinhos nos quais se joga sozinho ou em grupo, mas existem os grupos ou pessoas que também cometem os crimes virtuais. Os jovens são a maioria dos usuários e nessa rede social, além dos usos que já citei acima, eles também revelam outra personalidade, o seu lado maldoso, perverso, acreditando na falsa liberdade, na inexistência de regras e normas, que as redes sociais oferecem aos seus usuários.

Azevedo, Miranda e Souza (2012, p. 259) afirmam que:

[...] indivíduos com intenções perniciosas encontram grande facilidade de ameaçar ou insultar seus alvos. E, mesmo que lhes falte a intenção maledicente, há ainda uma tendência de “tornar normal” ou naturalizar essas formas de abuso, uma espécie de “desengajamento moral” em que meninos e meninas, heterônimos, acabam por justificar suas ações com “todo mundo faz” ou pela “moda” ou, portanto, para “pertencer” à classe daqueles que estão “antenados” nos blogs, ou quaisquer outras formas de veiculação de suas intimidades ou de outrem.

Esses jovens acreditam que podem expressar totalmente seus sentimentos contra pessoas, grupos, promovendo movimentos a favor ou contra pessoas que eles acreditam ser diferentes, seja da cor, da opção sexual, do tipo de cabelo, do peso corporal, expondo o corpo e a personalidade do outro de forma pejorativa, promovendo dessa forma o *cyberbullying*.

Azevedo, Miranda e Souza (2012, p. 257) afirmam que:

Com a chegada e o crescimento acelerado da tecnologia, surgiu uma nova forma de intimidação, que ultrapassou o aspecto físico presencial – o *CyberBullying* – uma forma dissimulada de *Bullying*, em que as agressões são virtuais. É caracterizado por agressões, insultos, difamações, maus tratos intencionais, contra um indivíduo ou mais, utilizando para isso, os meios tecnológicos.

A violência já não é mais somente uma agressão física ou verbal, agora existe a agressão virtual, sendo mais grave, não é algo que acontece entre o agressor e o agredido, a divulgação é muito ampla, pessoas que não se conhecem, acabam tendo acesso a vida social (familiar) um do outro.

O trabalho com os gêneros textuais tem vários defensores na área da linguagem, eu também escolhi esse caminho, portanto fui buscar alguns conceitos em Bakhtin (1979), Marcuschi (2008) e Bazerman (2011).

1.3 CONCEITUANDO OS GÊNEROS TEXTUAIS

A intervenção proposta envolveu o trabalho com gêneros textuais, sendo assim, busquei algumas definições em Bakhtin (1979), Marcuschi (2008) e Bazerman (2011).

Para Bakhtin (1979, p. 279), “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso, que denominamos *gêneros do discurso*”. O enunciado é o ponto chave da sua teoria de “*gêneros do discurso*”, é na utilização da língua que aparece o propósito comunicativo. Para o autor, o enunciado tanto oral, quanto escrito reflete as condições das relações e atividades humanas e, a partir disso, considera que “três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado” (1979, p. 279), notadamente, percebemos que o gênero do discurso está vinculado às relações sociais estabelecidas.

Nas relações sociais, segundo a visão Bakhtiniana, os “gêneros do discurso” podem apresentar uma grande variedade e diversidade, de acordo com o objetivo de seus protagonistas. Bakhtin (1979) nos chama a atenção para a heterogeneidade

dos gêneros do discurso (orais e escritos). E estes podem se apresentar de acordo com a situação comunicativa em trânsito. Suas formas também podem assumir um repertório diversificado em relação aos documentos padronizados. Segundo Marcuschi (2008), os textos se materializam nas situações comunicativas diárias e suas composições obedecem a padrões sociocomunicativos, que são definidos de acordo com o estilo e objetivos. Chama atenção também para o caráter empírico dos gêneros textuais, sendo assim sua listagem permanece aberta. Mostra ainda alguns exemplos de gêneros textuais: telefonema, sermão, aula expositiva etc. Os dois autores se diferenciam na nomenclatura, Bakhtin utiliza o termo gênero do discurso e Marcuschi utiliza gênero textual. Apesar dessa aproximação percebe-se que Bakhtin tem um caráter mais sócio-histórico e político.

Os gêneros textuais são muitos e se materializam de forma oral ou escrita, cumprindo sempre uma função comunicativa. Sua abrangência é ampla e intermedia as relações sociais humanas, é como se língua e gênero formassem uma dualidade indissociável, temos que nos utilizar de um para chegar ao outro, e estabelecer uma comunicação efetiva.

Para Bazerman (2011, p. 23), “Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não familiar”. Novamente, observamos que o gênero textual está entranhado nas relações em sociedade, o dado novo acrescentado aqui pelo autor, diz respeito à familiaridade que o usuário da língua deve ter com “os modelos”, ou seja, deve dominar o oral e o escrito para estabelecer relações com aqueles que não são do seu convívio, pode ser uma relação profissional, por exemplo.

Sobre a concepção de linguagem, depois de muita pesquisa, cheguei à conclusão de que a que mais se adequava ao trabalho proposto, era a linguagem como forma de interação como veremos a seguir.

1.4 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Em se tratando de linguagem como forma de interação, Bakhtin (2006, p. 125), nos diz que:

A verdadeira substância da língua não é construída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Nessa perspectiva, os usuários da língua precisam ultrapassar o sentido de apenas transmitir seu pensamento, como se vivessem em isolamento ou simplesmente compartilhar informações de forma mecânica. A interação verbal está ligada à enunciação, conforme vimos acima, mas Bakhtin (op., cit., p. 39) faz uma ressalva importante, “Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.)”. Isso quer dizer que devemos considerar a enunciação em conjunto com a comunicação verbal que apresenta por sua vez “apenas um momento na evolução contínua” em determinados grupos sociais.

Geraldi (2006, p. 41) nos aponta três concepções de linguagem:

- *A linguagem é a expressão do pensamento*: esta concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. Se concebermos a linguagem como tal, somos levados a afirmações – correntes – de que pessoas que não conseguem se expressar não pensam.
- *A linguagem é instrumento de comunicação*: esta concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem. Em livros didáticos, essa é a concepção confessada nas instruções ao professor, nas introduções, nos títulos, embora em geral seja abandonada nos exercícios gramaticais.
- *A linguagem é uma forma de interação*: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: por meio dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela, o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

Esta proposta trabalhou na perspectiva da linguagem como “forma de interação”. Segundo Geraldi (op., cit., p. 41), “ela implicará uma postura educacional diferenciada, uma vez que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais”. De acordo com Travaglia (2009, p. 23), “a linguagem é, pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de

sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico”. É a sociedade que delimita esses espaços sociais de relação. Portanto, os sujeitos devem ser capazes de se relacionar de forma autônoma para chegar a uma real “interação comunicativa” no seu lugar social.

1.5 A ESCRITA NUMA CONCEPÇÃO INTERACIONAL

A escrita faz parte de nossa rotina, seja em casa, organizando uma lista de compras, no comércio em que teremos que identificar as promoções, no talão de cheques ou no cartão de crédito, conferindo o recibo dos gastos só para citar alguns exemplos. Mesmo assim, não é fácil conceituar a escrita, existem várias teorias e investigações em curso e várias respostas.

Segundo Koch (2012, p. 32),

Essa pluralidade de respostas nos faz pensar que o modo pelo qual concebemos a escrita não se encontra dissociado do modo pelo qual entendemos a linguagem, o texto e o sujeito que escreve. Em outras palavras, subjaz uma concepção de linguagem, de texto e de sujeito escritor ao modo pelo qual entendemos, praticamos e ensinamos a escrita, ainda que não tínhamos consciência disso.

Quando o foco é apenas na língua, nos dizeres de Koch (op. cit. p. 9), existe a concepção de um “**sujeito como (pré) determinado pelo sistema**, “grifo do autor”, o texto é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor”, ou seja, o que está escrito “está dito no dito”, tem apenas que ler o que está escrito, não é possível realizar inferências, é realmente entender o que está no papel. Quando o foco é no escritor, a escrita emana desse e é soberana. Temos então, “um **sujeito psicológico, individual, dono e controlador de sua vontade e de suas ações**”, “grifo do autor”, o texto passa a ser um “produto” do escritor. A partir disso, o leitor tem que concebê-lo tal qual foi pensado, essas duas concepções se equivalem no sentido em que não há interação entre as partes.

Para Beaugrande (1997, *apud* KOCH, 2012, p. 34), na perspectiva da concepção interacional (dialógica da língua):

[...] tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, este considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais.

Nesse sentido, a escrita passa a ser “uma produção textual”, pois o autor do texto pensa sobre o que vai escrever, como vai escrever/reescrever/revisar, e em quem vai ler. Acontece uma possível cumplicidade entre escritor e leitor, o processo de interação acontece de forma plena, estabelecendo a comunicação nas relações sociais significativas.

A tarefa de produzir um texto não é das mais simples, portando busquei apoio em estudiosos de referência para compreender melhor o processo de produção e as condições necessárias para que as produções dos alunos seguissem na concepção da linguagem interacional e não se tornassem meras redações. Essa fundamentação é o que veremos a seguir.

1.6 AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Consideramos que o texto deve ser o ponto de partida para o ensino/aprendizagem da língua, pois nos textos, a língua revela-se de forma plena. Ou seja, no texto, o enunciado, os recursos linguísticos, são empregados para dar sentido e os sujeitos do discurso, na aproximação autor/leitor, interagem para a comunicação se efetivar. Encontramos assim toda condição para desenvolver um trabalho, no mínimo satisfatório.

Com muita propriedade, Geraldi estabelece uma grande distinção entre produção de textos e a atividade de redação na escola (op., cit., 1997, p. 137) e esclarece:

Por mais ingênuo que possa parecer, para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d).

Com exemplos claros, ele nos mostra que utilizando essas diretrizes propostas acima, qualquer escritor iniciante consegue se fazer entender, ao passo que nas atividades de redação propostas pelas escolas, com muita frequência “**há muita escrita e pouco texto (ou discurso)**, (p. 137)”, “grifo do autor”, porque a escola ao propor as atividades de redação, não utiliza os mesmos parâmetros. E as respostas a essa produção descontextualizada são contrárias ao processo de interação: geralmente se escreve redação para o professor corrigir e dar uma nota, não há um objetivo comunicativo. O mais significativo é que o autor não só aponta o que se deve fazer, mas aponta sugestões de como fazer.

As Orientações Curriculares para a Educação Básica do estado de Mato Grosso segue nessa perspectiva interacional, como vemos:

O desenvolvimento da habilidade linguística, para a construção de qualquer gênero discursivo, ultrapassa o limite das frases para concretizar-se no discurso, isto é, no texto produzido por um locutor e dirigido para um interlocutor, previamente considerado, ambos estão inseridos em uma situação comunicativa real, com uma finalidade determinada (persuadir, convencer, demover, criticar, incentivar etc.) (MATO GROSSO, 2012, p. 47).

Nesse espaço dialógico, entre locutor e interlocutor, texto e discurso ficam favorecidos e a construção de sentido se faz mais eficaz. Nessas condições de produção, deve-se:

[...] possibilitar o contato e a percepção do texto/discurso como “objeto eficiente”, um fato sempre lembrado por estudiosos da linguagem, especialmente os da argumentação, é o de que há a necessidade de vinculação entre as práticas orais e escritas no processo de aprendizagem do texto escrito. Essa vinculação é importante, pois como leitura e escrita são duas práticas socialmente valorizadas e legitimadas, ambas podem influenciar-se mutuamente no processo de ensino-aprendizagem (op., cit., 2012, p. 48).

A valorização do oral é o que mais se destaca na citação acima, porque por meio do oral aproximamos o aluno das práticas mais privilegiadas que são a leitura e a escrita. A linguagem oral, de certa forma ele já domina, pela interação que realiza no seio familiar. Com essa valorização o professor estará convidando o educando para adentrar com mais competência nesse mundo da interação verbal, representado pelos gêneros textuais (ou gêneros do discurso), que ele já se utiliza mesmo que primários.

Tão importante quanto à produção textual, a revisão e a reescrita são fundamentais para que se eliminem os possíveis equívocos comunicativos que venham a surgir, é o que veremos a seguir.

1.7 O PROCESSO DE REVISÃO E REESCRITA: UMA NECESSIDADE

O processo de revisão e reescrita, segundo Menegassi (1998, p. 40), parte “da concepção de que a revisão é um processo recursivo, mostrando a ideia do texto em progressão, observa-se a reescrita como oriunda dessa configuração, isto é, a reescrita nasce a partir de revisões no texto”. É um fator muito importante esse voltar ao texto para ver se os objetivos traçados para esse “produto” estão de acordo com os padrões da língua e da situação comunicativa a qual ela se destina. O autor ainda ressalta que “revisão e reescrita caminham paralelamente, uma vez que os processos ali presentes permitem uma melhor produção do texto em construção”. Nesse sentido, podemos utilizar a metáfora do garimpo, em que depois de muitas lavagens no cascalho bruto o garimpeiro finalmente encontra seu ouro ou um diamante precioso. Com essa tarefa, podemos observar se foram contempladas algumas perguntas que o autor/escritor deve ter em mente ao iniciar um texto: O quê?, Para quê?, Para quem?, Como? etc.

Ainda nesse sentido, mas de forma mais aprofundada Marcuschi (2008) aponta que para procedermos à análise dos gêneros textuais, devemos considerar se o texto é verbal ou não verbal, o discurso, a língua e a visão de sociedade, considerando ainda o aspecto sociocultural no trato com a língua no cotidiano e nas diversas vertentes. É extremamente importante que o professor considere todos esses itens elencados acima, porque eles formam um todo, um conjunto indissociável para se chegar a uma competência comunicativa, e a interação social tão desejada.

1.8 AS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: UMA SUGESTÃO

Nesse projeto de intervenção, trabalhei sob os critérios da “*sequência didática*” proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), que destacam:

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; [...] As sequências didáticas servem, portanto para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis.

As sequências são de suma importância, principalmente, pela sua estrutura. Elas iniciam com a apresentação da situação, que colabora para o educando se familiarizar com o tema abordado, a produção inicial permite saber a sua competência, nos módulos podemos trabalhar as dificuldades apresentadas e por último a produção final em que o aluno mostra o seu aprendizado. O mais importante é a adaptação de acordo com o desenvolvimento da turma, garantindo a todos a mesma oportunidade para compreender o trabalho em desenvolvimento e dominar o gênero estudado em cada sequência proposta. Por considerar que numa sequência nada se fecha antes do final, utilizei a nomenclatura etapa ao invés de módulo.

Como parte dessa fundamentação teórica, seguem na íntegra as sequências didáticas produzidas por mim para o trabalho com os gêneros textuais “enquete” e “entrevista jornalística”, para que sirvam de sugestão e apoio aqueles que como eu decidam se aventurar por esses caminhos.

1.8.1 Sequência Didática I

Apresentação da situação

O tema *bullying* é atualmente muito recorrente nas escolas. No início do ano letivo de 2014, em uma aula de Língua Portuguesa, alguns alunos do 8º ano “C” da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, localizada no município de Juína-MT, solicitaram que eu conversasse com os demais alunos, pois alguns estariam sofrendo e outros praticando *bullying* na sala de aula. Dentro desse contexto, surgiu a motivação para desenvolver esse trabalho, utilizando dois gêneros textuais (a enquete e a entrevista jornalística) e, para a abordagem dessa temática, contei com o apoio das sequências didáticas (referidas acima) que adotam uma perspectiva

textual (escrita e oral) e levam em conta as diferentes fases de elaboração dos textos a serem trabalhados. Infelizmente, uma inundação no laboratório de informática, deixou-nos sem possibilidades de desenvolver o projeto, mas no ano letivo de 2015 retomamos o projeto com a turma que deu origem ao tema e agora cursa o 9º ano “C” (8ª série).

Para uma boa fundamentação do tema, realizei uma exaustiva pesquisa, para conhecer um pouco mais a fundo esse fenômeno tão comentado nos telejornais e nas escolas. Silva (2010, p. 2) esclarece a origem da palavra e sua designação:

A palavra *bullying* é derivada do verbo inglês *bully* que significa usar a superioridade física para intimidar alguém. Também adota aspecto de adjetivo, referindo-se a “valentão”, “tirano”. Como verbo ou como adjetivo, a terminologia *bullying* tem sido adotada em vários países como designação para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, intencional e repetitivo inerente às relações interpessoais.

Lacerda, Dutra e Oliveira (2013 p. 3) apud Fante (2005, p. 27), no mesmo sentido de Silva (2010), amplia um pouco mais o conceito:

A palavra *Bullying* é de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.

Como vimos acima, o *bullying* é um termo cunhado na Língua Inglesa e mostra toda sua força voltada para a violência. Antigamente nas escolas era comum colocar apelidos nos colegas, o apelido tinha a ver com a aparência física ou psicológica, mas atualmente essa brincadeira não é bem vista. O que mais chamou a atenção nas citações acima é que para serem caracterizadas como *bullying*, essas brincadeiras devem ser intencionais e repetitivas. Lopes Neto (2005, p. 165) observa ainda que “o termo violência escolar diz respeito a todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc.”. Essa violência escolar tornou-se algo repetitivo, não sendo vista somente como uma brincadeira. Na escola, é frequente você ouvir um colega chamando o outro por nomes que ridicularizam o companheiro (a), agressões rotineiras, das quais passaram a ser chamadas de *bullying*.

Oliboni (2008, p. 12) afirma que:

Em se tratando especificamente da violência escolar, nos últimos anos, foi possível identificar, predominantemente neste espaço, uma prática antiga de maus tratos entre alunos que vinham sendo desconsiderada ou entendida como uma brincadeira de idade, porém, recentemente, passou a ser reconhecida e denominada por *bullying*.

Para serem caracterizadas como *bullying*, as agressões verbais ou físicas devem ser intencionais e repetitivas, exercidas sobre os mais fracos, com o objetivo de ameaçar, oprimir, humilhar, tyrannizar, intimidar e maltratar. Essas agressões podem acontecer de várias maneiras até mesmo pela *internet* (*sites*, redes sociais etc.) é o que chamamos de *cyberbullying*. Geralmente existe a pessoa que pratica, a que sofre e o espectador. Na escola, é fácil perceber quem são os alvos do *bully* (valentão), pois são os mais acanhados, tímidos, sozinhos, os alunos espectadores são aqueles que assistem tudo e nada fazem para impedir as agressões, acabam sendo coniventes com a situação. Os autores do ato são os que desrespeitam as regras, a diversidade, denigrem a imagem do colega e promovem a exclusão social dentro e fora da escola.

Vamos à sequência da enquete:

Objetivo geral

- Analisar e compreender o gênero textual “enquete”, a fim de perceber a finalidade e a importância do seu uso nos espaços em que se situa (*sites* de jornais, *sites* esportivos etc.).

Objetivos específicos

- Contextualizar o *bullying*, suas manifestações e os espaços onde ele acontece;
- Reconhecer o gênero “enquete”, sua função social, seu conteúdo temático, sua estrutura composicional, seu estilo (análise linguística) e a sua finalidade;
- Realizar uma análise linguística e estrutural de uma “enquete”;
- Produzir um texto do gênero “enquete”;

- Reescrever o texto produzido para atingir o objetivo comunicativo;
- Buscar parceria de um professor de matemática para a tabulação e divulgação do resultado da “enquete” aplicada.

Etapa 1: Contextualizando o *bullying*. (4 horas)

Para introduzir e contextualizar o assunto, realizaremos uma atividade oral, com alguns questionamentos para a turma:

- a) O que é *bullying*?
- b) Alguém sabe dizer alguma coisa a respeito?
- c) Já ouviram alguma coisa sobre isso? Onde?
- d) Você já sofreu *bullying*? Já praticou?
- e) Saberiam dizer em que lugares ele mais acontece? Em casa? Nas igrejas? Nas escolas? Onde mais?
- f) O que vocês pensam das pessoas que praticam o *bullying*?
- g) Será que isso acontece na nossa escola?
- h) E o significado exato da palavra *bullying*, alguém conhece? Onde encontramos essa resposta?

Posteriormente, todos os alunos da turma serão convidados para irem até a biblioteca da escola para pesquisar o significado da palavra *bullying* e anotarem no caderno com o objetivo de verificar se suas respostas às perguntas feitas anteriormente correspondem. Na sequência, irão para o laboratório de informática para realizarem uma pesquisa sobre o *bullying*, no site de busca: <https://www.google.com.br/>.

A consulta será livre, eles poderão pesquisar vídeos, imagens e textos escritos. Se houver necessidade, o professor pesquisador sugerirá os seguintes sites:

<http://bullyingnaoebriadeira.com.br/about/>,
<http://bullyingportalprofessor.wordpress.com/> e <http://www.portalbullying.com.pt/>.

Eles farão anotações do conteúdo no caderno, referente à pesquisa que realizarão. Com o auxílio do *Datashow* e um telão montado na sala de aula, o professor projetará três vídeos sobre o *bullying*, que também traz informações sobre o *cyberbullying*: <http://vimeo.com/3754928>,

<http://www.youtube.com/watch?v=ih65cKbBJ8E> e <http://www.youtube.com/watch?v=OBH8NXL-15A>. Para finalizar, socializaremos o conteúdo da pesquisa e iniciaremos os comentários sobre os vídeos para uma discussão mais aprofundada sobre o tema. A discussão será feita na dinâmica conhecida como mesa redonda, o professor pesquisador será o coordenador e retomará os pontos principais dos conteúdos vistos pelos alunos. Na sequência, cada aluno terá um tempo estipulado para falar sobre a pesquisa realizada e os vídeos (os alunos que não quiserem expor seu ponto de vista serão a plateia e poderão fazer perguntas ao final para a mesa). O professor fará uma sintetização dos conhecimentos expostos pelos alunos e, posteriormente, eles poderão debater o assunto ou fazer perguntas para os colegas ou professor, até se chegar a um entendimento do tema em questão.

Ainda nessa etapa, analisaremos os recursos utilizados na produção dos vídeos em contraponto com os recursos utilizados no texto impresso. Também será analisada a interação que o texto virtual oportuniza, pelo fato de se poder publicar comentários ao final da leitura.

Etapa 2: Seleção e reconhecimento do gênero enquete. (2 horas)

O primeiro gênero a ser trabalhado é a enquete, também chamada de sondagem ou inquérito estatístico. Geralmente, é usada para coletar informações quantitativas e opiniões sobre diversos assuntos, nas mais diversas áreas das relações sociais, política, educação etc. Seu domínio discursivo é o jornalístico e é veiculada pelos mais variados suportes. Os mais comuns são: *sites* de variedades, jornalísticos e esportivos. Pode aparecer em jornais impressos, convidando os leitores para que visitem seus sites para votarem e apresentam os resultados nas edições seguintes. O assunto escolhido sempre está em destaque na mídia em geral.

A escolha desse gênero se deve ao fato de que, posteriormente, à produção final, iremos utilizá-lo, para obter respostas mais precisas, sobre alguns questionamentos feitos lá no início como, por exemplo: “Será que isso acontece na nossa escola?”.

O reconhecimento do gênero será feito através de uma pesquisa, que os alunos realizarão no laboratório de informática, nos sites a seguir: <http://www.ajes.edu.br/>, <http://www.jregional.com.br/>, <http://veja.abril.com.br/blog/enquetes/>, <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/enquete/quemdeveria-ser-o-tecnico-da-selecao-apos-copa.html>.

Os alunos terão contato com o gênero apenas na forma digital, que é o meio em que ele mais “circula”. Nessa pré-leitura, será explorada sua estrutura composicional, o conteúdo temático e a sua finalidade. O professor deve acompanhar essa pré-leitura auxiliando os educandos para eles atingirem o objetivo da atividade. Eles realizarão uma produção inicial, a partir desses dois sites: www.criarenquete.com.br, www.desenvolverenquetes.com.br, que são destinados para a produção de “enquetes”, essa atividade terá ainda o objetivo do reconhecimento do gênero, para os alunos se familiarizarem com ele.

Etapa 3: Uma análise mais detalhada. (1 hora)

A enquete é utilizada para recolher informação quantitativa em vários campos, *marketing*, ciências sociais, política etc. Procederemos a análise da enquete realizada pela AJES – Faculdades do Vale do Juruena-MT - disponibilizada no site <http://www.ajes.edu.br/> Acesso em 07/07/2014. A faculdade oferece vários cursos de nível superior para a cidade de Juína-MT e região. Ela sempre faz uso da enquete para saber qual o curso que tem mais aceitação popular para posteriormente implantá-lo. Vamos a ela:

Qual curso de Graduação você tem interesse?

Resultado final: 2.802 votos.

- Farmácia: 14,0%
- Fisioterapia: 31,02%
- Serviço social: 4,1%
- História: 3,02%
- Arquitetura: 29,4%
- Engenharia agrícola: 18,1%

A atividade deverá ser realizada por escrito e em duplas, equilibrando os pares, ou seja, aquele aluno que tem mais facilidade, com o que tem mais dificuldade, para que num processo de andaimagem, possa se estabelecer um maior aproveitamento linguístico do gênero proposto. Segundo Bortoni-Ricardo (2013), os andaimes são metáforas de um auxílio prestado por alguém mais experiente em determinada tarefa, no caso do trabalho pedagógico na escola pode ocorrer entre aluno-aluno e aluno-professor.

A atividade será baseada em perguntas, que serão respondidas, considerando o trabalho realizado anteriormente na pré-leitura:

- a) Como vocês analisam a estrutura da enquete dada acima?
- b) Qual é o contexto social ligado a ela? Ela se destina a algum público em específico ou é generalizado? Ela cumpriu sua função social?
- c) Como está estruturado o resultado final? Aqueles dados somam 100% no total?
- d) Qual o curso mais votado? O que isso significa para a instituição que veiculou a enquete?
- e) Vocês acreditam que ela atingiu seu objetivo? Explique?
- f) Qual foi o suporte utilizado para a realização da enquete?
- g) Qual é o seu conteúdo temático?
- h) Como vocês analisam sua estrutura composicional? Se ela não estivesse publicada, e vocês fossem convidados a reescrevê-la, mudariam alguma coisa?
- i) A flexão verbal está adequada ao pronome de tratamento utilizado?
- j) O pronome interrogativo foi empregado adequadamente?
- k) Que outras considerações fariam a respeito do texto lido?

Etapa 4: Produção de texto do gênero enquete. (1 hora)

Os alunos produzirão um texto do gênero enquete. Essa produção será pensada para aplicação aos alunos do terceiro ciclo, no período vespertino, da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin em Juina-MT, com a finalidade de obter dados estatísticos de como o *bullying* se configura na escola. Será orientado para o cuidado na elaboração e o correto emprego dos recursos linguísticos necessários a uma boa produção.

Etapa 5: Reescrita do texto. (3 horas)

Após a primeira correção dos textos pelo professor, serão expostos no quadro negro, os desvios mais cometidos pelos alunos nas suas produções. A correção será feita de modo coletivo, observando-se as questões linguísticas, gramaticais e ortográficas. A partir disso, a produção será devolvida para a reescrita e finalização. As melhores enquetes serão escolhidas pelos alunos para serem aplicadas na escola, com os alunos do terceiro ciclo, no período vespertino.

Observação: A aplicação da enquete será feita por três grupos formados em sala, cada grupo realizará em uma turma. Antes dos alunos responderem a enquete, os aplicadores realizarão uma pequena comunicação oral sobre os temas *bullying* e *cyberbullying*, para que eles tirem suas dúvidas sobre os temas e o resultado da enquete seja confiável. Os aplicadores serão preparados pelo professor (através de pesquisa, aula expositiva, vídeos etc.) para terem segurança na hora de realizar a atividade.

Etapa 6: Interdisciplinaridade. (2 horas)

Com o apoio de um profissional da área de matemática, realizaremos a tabulação dos números obtidos nas enquetes aplicadas. Ao finalizar as estatísticas, elas serão publicadas no *Facebook* e no jornal impresso da escola.

1.8.2 Sequência didática II**Apresentação da situação**

Nessa sequência, o *bullying* continua como o tema central, será trabalhado o gênero textual “entrevista jornalística”. Pretende-se, ao final da sequência, elaborar uma proposta coletiva para entrevistar as três coordenadoras da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin em Juína-MT, para sabermos de que forma elas lidam com os casos de *bullying*, que chegam ao seu conhecimento.

Objetivo geral

- Produzir e aplicar o gênero entrevista jornalística, para verificar como o *bullying* é abordado no interior da escola, na instância da coordenação escolar.

Objetivos específicos

- Apresentar o gênero “entrevista jornalística”, observando seu conteúdo temático e a sua finalidade;
- Reconhecer a principal função e características de uma entrevista;
- Realizar uma análise estrutural e linguística da entrevista com um questionário;
- Adequar a fala para uma atividade oral formal;
- Produzir um texto do gênero entrevista;
- Reescrever para atingir o objetivo comunicativo;
- Divulgar para a comunidade escolar através do perfil no *Facebook* do professor, dos alunos e também no jornal impresso da escola (*InformEzequiel*).

Etapa 1: Seleção e reconhecimento do gênero entrevista. (3 horas)

Utilizaremos o laboratório de informática, para realizar uma pesquisa sobre o gênero “entrevista jornalística” nos *links* a seguir: o primeiro *link* traz o conceito básico sobre o gênero entrevista, <https://www.facebook.com/pages/Entrevista/104060079629863?fref=ts#>, o segundo mostra uma entrevista com o professor Gabriel Chalita, <http://www.cancaonova.com/portal/canais/entrevista/entrevistas.php?id=929> e o terceiro com o Deputado e comediante Francisco Everardo Oliveira Silva “o Tiririca” <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/tiririca-estou-meio-perdidao>.

Para reforçar o reconhecimento do gênero, o professor disponibilizará o conteúdo acima de forma impressa, para que os alunos vejam o gênero na forma como ele se configura, porque cada veículo de comunicação (*site*, revistas, jornais etc.), publica de acordo com o seu formato e espaço disponíveis. Será

disponibilizado ainda um grande número de revistas *Nova Escola*, que contêm entrevistas de várias pessoas ligadas à área da educação, para que os alunos se familiarizem com a linguagem que os entrevistadores utilizam, considerando, que eles também entrevistarão pessoas ligadas diretamente à educação. Para se familiarizarem ainda mais com o gênero, os alunos assistirão a três vídeos de entrevistas realizadas em programas de televisão disponíveis nos links a seguir: o primeiro é de uma aluna chamada Isabela Nicastro Silva que sofreu *bullying* na escola, <http://www.youtube.com/watch?v=pkduLIJgks0>, o outro é de uma psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva que escreveu um livro sobre o assunto <http://www.youtube.com/watch?v=iL9HgmTTFpl>, o terceiro é de um psicanalista chamado Marcos Lacerda, <http://www.youtube.com/watch?v=pqf8oSv18C8>. Nessas entrevistas, os educandos terão mais informações sobre o tema e a oportunidade de verem como se comportam os entrevistados e entrevistadores.

Etapa 2: Uma análise mais detalhada. (3 horas)

Observaremos detalhadamente o conteúdo temático da entrevista realizada com o professor Gabriel Chalita, abordando alguns aspectos importantes: seu conteúdo temático, sua função social, sua estrutura composicional e estilo. A entrevista encontra-se no anexo 3.

1. Em relação à entrevista responda oralmente:

- a) Qual o objetivo de se entrevistar uma pessoa?
- b) Na introdução (ou abertura) da entrevista temos algumas informações a respeito do entrevistado. Qual o objetivo delas?
- c) A informação, dada pelo título e pela introdução ajudaram na antecipação do conteúdo da entrevista? Foi suficiente?
- d) Você já conhecia ou ouviu falar do entrevistado alguma vez?
- e) O foco da entrevista é no assunto ou é sobre ele? Justifique.
- f) O entrevistado demonstra ter conhecimento sobre o assunto? Justifique.
- g) Escreva as informações novas que você obteve na entrevista.
- h) Gabriel Chalita disse em sua entrevista que “a criança é como uma esponja”. O que isso significa? Você concorda? Por quê?

2. Agora vamos escrever um pouco:

Em relação à entrevista do Deputado Francisco Everardo Oliveira Silva, “o Tiririca” e a entrevista do professor Gabriel Chalita, responda:

- a) Qual o assunto abordado em cada uma das entrevistas?
- b) Em relação à estrutura, como os textos estão organizados?
- c) As perguntas feitas foram claras e objetivas? Qual foi o nível de linguagem empregado nelas?
- d) As entrevistas realizadas têm alguma relevância social ou função social? Qual?
- e) Os dois entrevistados respondem de forma clara e direta? Justifique.
- f) Antes de uma entrevista, temos que levantar informações sobre a pessoa a ser entrevistada e preparar um questionário com as perguntas sobre o assunto que se quer abordar. Durante a realização da entrevista, se o entrevistado responder de forma evasiva ou não responder de acordo com a pergunta feita ou até mesmo não entender a pergunta, o que devemos fazer?
- g) A entrevista jornalística é um gênero oral e escrito. Após a gravação, ela é transcrita para o papel ou outro suporte de informação. Você acredita que essas entrevistas foram passadas literalmente para o papel ou foram editadas?
- h) Na transcrição das respostas, você percebeu se aparece a marca da oralidade no discurso do entrevistado. Em qual delas?
- i) Alguns sinais de pontuação são fundamentais em entrevistas. Você percebeu os sinais de pontuação empregados nelas? Diga quais foram e com qual objetivo.
- j) As frases em destaque ditas pelos entrevistados, que aparecem entre aspas ao longo do corpo das entrevistas, são chamadas de "olho". Você destacaria mais alguma frase das entrevistas trabalhadas? Quais? Por quê?

Etapa 3: Produção inicial (2 aulas)

Os alunos, em duplas, serão desafiados a teatralizarem as duas entrevistas utilizadas no reconhecimento (Gabriel Chalita e “o Tiririca”). Eles representarão o entrevistador num primeiro momento e o entrevistado num segundo. Logo após, será sugerida uma produção inicial, eles terão que escrever perguntas para o colega, sobre sua vida pessoal. Este poderá responder sobre ele mesmo ou se passar por outro personagem famoso (fictício). Essa atividade será utilizada como um ensaio para a atividade que irão realizar.

Etapa 4: Sinais de pontuação e orações. (5 aulas)

É possível que a produção inicial apresente algumas inadequações em relação ao uso da língua. A partir dessa hipótese, o professor deve preparar-se para trabalhar com os problemas detectados nessa produção. Por exemplo: sinais de pontuação mais usados pelo gênero entrevista, orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas, orações reduzidas, pronomes relativos e outros, que poderão ser detectados no decorrer da atividade.

Etapa 5: Produção de texto do gênero entrevista. (2 horas)

A turma será dividida em três grupos e cada grupo produzirá as perguntas que pretendem fazer na entrevista com as três Coordenadoras da escola. O critério para a escolha dos grupos será mesclar os mais “habilidosos” no trato com a língua com os menos “habilidosos”, para assegurar um equilíbrio na produção inicial. Os grupos serão orientados para o cuidado na elaboração da entrevista, dado o grau de formalidade das pessoas envolvidas. Após essa primeira etapa, os três grupos serão integrados a um único grupo para coletivamente, escolherem quais as perguntas mais pertinentes e que atendem a situação comunicativa em questão. Ao final, teremos uma entrevista unificada e o professor recolherá para a primeira correção.

Etapa 6: Reescrita do texto. (2 horas)

Na primeira correção dos textos, o professor se reunirá com a turma, para ouvirem as correções e sugestões e também poderem opinar sobre a correção realizada. Serão observadas as questões linguísticas, gramaticais e de ortografia e o grau de formalidade empregado, o professor deverá trabalhar alguns exercícios e atividades explicativas. Após essa etapa, os grupos se reunirão com as entrevistadas convidadas para combinarem o horário e local da entrevista.

Observação: A aplicação da entrevista com as Coordenadoras ocorrerá de acordo com a disponibilidade de cada uma. A atividade será realizada no contra turno (vespertino) dos alunos.

Etapa 7: Passando a limpo (2 horas)

As entrevistas serão gravadas com o auxílio de um gravador de voz ou celular com esse recurso. Na aula seguinte, os grupos se reunirão para realizar a transcrição do material coletado. Em cada uma das entrevistas, cada grupo realizará a transcrição da entrevista feita. Ao finalizar, elas serão recolhidas e analisadas pelo professor para, posteriormente, discutir com os alunos qual a melhor entrevista para ser publicada no perfil do *Facebook* do professor, da escola e no jornal impresso da escola (*InformEzequiel*).

Como dito anteriormente essas sequências são apenas sugestões, o professor poderá incluir ou excluir quaisquer elementos que julgar necessário.

CAPÍTULO II

2.1 METODOLOGIA

Segundo Silva e Menezes (2005), as primeiras etapas da pesquisa é definir o local e público alvo. A pesquisa foi realizada com os alunos do 9º ano “c” da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, mantida pela Secretaria de Estado de Educação CNPJ – sob n.º 03.507.415/0008-10 e foi credenciada pelo Decreto nº 2861/90, publicado no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, em 17 de setembro de 1990, e autorizada pela Portaria 3.277/92 para funcionamento do Ensino Fundamental e pela Portaria 100/99 para funcionamento do Ensino Médio, atende, pela Resolução NORMATIVA Nº 002/2009-CEE/MT EJA- Educação de Jovens e Adultos, localizada em Juína – MT. A turma conta com trinta e dois alunos matriculados no período matutino.

A escolha do tema da pesquisa, *bullying*, surgiu em uma conversa informal, ocasião em que alguns alunos disseram sofrer *bullying* na escola e na própria sala de aula. Os gêneros textuais “enquete” e “entrevista jornalística”, foram escolhidos pelo seu caráter investigativo, com a realização deles poderíamos obter informações mais precisas sobre esse fenômeno na escola. O motivo da escolha de uma turma do 9º ano considerou os índices gerais do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), essa escola está dentro das metas nacionais, mas à medida que os alunos aproximam-se das últimas fases do ensino fundamental vão perdendo o interesse pelos estudos e a média vai caindo conforme podemos observar: Em 2005 o 5º ANO obteve a média 3.7 e o 9º ANO 3.4, em 2007 o 5º ANO: 4.3 e o 9º ANO: 3.4, em 2009 o 5º ANO: 4.3 e o 9º ANO: 4.5, em 2011 o 5º ANO: 5.0 e o 9º ANO: 4.6 e em 2013 o 5º ANO: 5.0 e o 9º ANO: 4.5.

Como se pôde ver, apenas no ano de 2009 a média do 9º ano foi superior ao 5º ano. Essas características por si só já merecem uma investigação mais detalhada. A partir dessa fundamentação, foi marcada uma reunião com os pais dos alunos da turma, para o esclarecimento sobre o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula e também para assinarem um termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando que seus filhos utilizassem a rede social *Facebook* na escola juntamente com o professor pesquisador, que acompanharia o desenvolvimento das

atividades. Dos trinta e dois pais e mães reunidos, apenas quatro não consentiram que seus filhos fossem expostos (nome, imagem, voz) nos trabalhos a serem desenvolvidos.

A maioria deles já possuía um perfil na referida rede social, reforçando a tese inicial desse professor pesquisador que acreditava que um trabalho voltado para as novas tecnologias seria muito mais interessante para os alunos do que as aulas em que o professor utiliza apenas o livro didático e os poucos recursos audiovisuais que a escola possui. Àqueles que ainda não possuíam um perfil na citada rede social foi oportunizado o uso do laboratório de informática da escola, para que todos os alunos da turma tivessem um perfil e estivessem interligados ao perfil do professor pesquisador. Para isso, utilizou-se o site: <http://www.comofazerfacebook.com.br/>.

Conforme Xavier (2012), uma das etapas da metodologia é prever quanto tempo às atividades serão desenvolvidas, em que espaço serão realizadas e os instrumentos e equipamentos tecnológicos utilizados. Todas as atividades e os textos produzidos foram realizados durante um trimestre (abril, maio e junho) do ano letivo de 2015, no horário normal de aulas, das 7h às 11h da manhã, num total de quatro aulas semanais e complementadas com alguns momentos extraclases no período vespertino. O laboratório da escola foi utilizado diversas vezes, sempre que a atividade exigia e de acordo com o planejado nas sequências didáticas propostas. Além do laboratório, utilizamos os celulares dos alunos e do professor, aproveitando os recursos de câmera para fotos, áudio, vídeo e navegação na *internet*, além do próprio caderno do aluno.

O tipo de pesquisa adotada foi a Pesquisa-Ação. Xavier (2012) define-a como aquela em que o pesquisador detecta algum problema, procura saber suas causas e interage de forma plena para a solução e conscientização dos envolvidos. Visa ainda à transformação da prática para modificar a situação social dos alunos na escola. Nesse caso, a pesquisa escolhida foi a mais adequada, pois tínhamos um problema: o *bullying*, e o desestímulo que os estudantes envolvidos têm quando chegam ao final do ensino fundamental conforme dados já apresentados.

Para o desenvolvimento do projeto, utilizei como base a sequência didática sugerida por Joaquim Dolz, Bernard Schneuwly e Michèle Noverraz (2004), que tem etapas bem definidas, a apresentação da situação, uma produção inicial, módulo (s) e a produção final. Essa sequência pode ser utilizada tanto com gêneros orais

quanto escritos. Essa divisão é muito importante, na apresentação da situação já exploramos a temática e o gênero escolhido. A primeira produção mostra o que o educando conhece do tema e do gênero textual envolvido, os módulos (etapas) sugeridos (quantos forem necessários), são para que se resolvam os possíveis problemas da produção realizada e, conseqüentemente, a resolução desses problemas.

Na produção final o aluno mostra o que aprendeu ou desenvolveu ao longo das atividades. Com a utilização de duas sequências didáticas, produzimos várias “enquetes” e “entrevistas jornalísticas”, que depois do processo de revisão e reescrita, foram selecionadas quatro enquetes para aplicação em três turmas do período vespertino, num total de oitenta e um alunos, e uma entrevista realizada com a Coordenadora Raqueline Bernardi. Essas produções serviram de instrumento de coleta de dados, que conforme Silva e Menezes (2005) proporciona uma interação efetiva entre o pesquisador, os alunos da turma e os participantes das enquetes e entrevista realizada. Essa interação favoreceu a tabulação das respostas e as enquetes foram divulgadas através de gráfico elaborado no programa *Excel*. A entrevista foi filmada com um celular e depois transcrita e editada no papel. Posteriormente, tanto as enquetes, os resultados e a entrevista foram publicados no grupo “**NOSSA ESCOLA CONTRA O BULLYING**”, disponível no seguinte endereço: <https://www.facebook.com/groups/382864901910873/>, o grupo é aberto ao público e faz parte do perfil intitulado **César Profletras Unemat Sinop** criado para essa pesquisa disponível em: <https://www.facebook.com/CESARPROFLETRASUNEMATSINOP>.

CAPÍTULO III

3.1 ANÁLISE

Os procedimentos aqui relatados se encontram na íntegra na parte da fundamentação teórica. Ao iniciar a apresentação da situação da sequência didática I, relatei aos alunos uma conversa com alguns colegas da turma, que disseram sofrer *bullying* na sala de aula e essa conversa motivou a pesquisa sobre o tema. A maioria dos alunos aprovou a ideia e muitos outros se juntaram e disseram sofrer *bullying* na sala e na escola. Aproveitei para dizer que trabalharíamos dois gêneros textuais, a “enquete” e a “entrevista jornalística”. A partir disso, fiz uma breve exposição sobre os objetivos do estudo da enquete, foi o primeiro gênero a ser trabalhado.

A etapa 1 foi destinada a investigar o que os alunos sabiam sobre o *bullying*, para isso realizei algumas perguntas: O que é *bullying*?, Você já sofreu *bullying*?, Já praticou? etc. Essa atividade oral foi muito proveitosa, porque os alunos falaram livremente sobre o que acreditavam ser *bullying*, falaram sobre os apelidos maldosos, dos xingamentos, das agressões físicas e obtiveram informações a respeito do assunto, através da *internet* e da TV. Da turma de trinta e dois alunos, vinte e três disseram sofrer *bullying*. Eles ficaram à vontade para dizer sobre o que sofriam na sala e na escola.

Alguns exemplos de apelidos e xingamentos foram relatados: “baleia” (pessoa gorda), “girafa” (pessoa magra) e “bombril” (esponja de aço se referindo ao tipo de cabelo); um aluno relatou sofrer *bullying* por ser bissexual. Os alunos ficaram muito empolgados com o assunto e pediram para eu levar filmes a respeito do tema e então ensaiamos uma peça teatral. Depois dessa atividade, nos deslocamos à biblioteca e posteriormente ao laboratório de informática para que os alunos pesquisassem mais informações sobre o *bullying*. A pesquisa foi livre e cada um pôde usar a sua criatividade, na biblioteca alguns alunos foram direto aos dicionários e outros procuravam livros que falassem do assunto. Mas foi na frente do computador que eles se sentiram melhor, porque puderam pesquisar em vários *sites* com facilidade, velocidade e mais atrativos visuais (vídeos do *Youtube*).

Quanto à pergunta, como reagem as vítimas que sofrem *bullying*, os alunos disseram que geralmente elas sofrem caladas, ficam pelos cantos da escola e se acham culpadas dessa situação. Sobre a prática do *bullying*, aqueles que assumiram praticar, disseram ser apenas uma brincadeira por diversão e não sabiam o mal que estavam praticando. E outros responderam que apenas revidavam as agressões sofridas. Posteriormente, montei um telão na sala de aula e com o auxílio de um *Datashow*, projetei três vídeos sobre o *bullying*, disponíveis nos seguintes *links*: <http://vimeo.com/3754928> o primeiro vídeo, mostra como o *bullying* se apresenta: agressão física, verbal e psicológica, <http://www.youtube.com/watch?v=ih65cKbBJ8E> o segundo mostra a turma da Mônica, personagens muito conhecidas no meio infantil, o vídeo mostra as personagens cometendo *bullying* e no final fazem uma reflexão sobre as más atitudes de forma a evitar que elas continuem, <http://www.youtube.com/watch?v=OBH8NXL-15A>, o último vídeo mostra como reagem às vítimas de *bullying*: isolamento, baixa autoestima e também o suicídio. Uma parte interessante que os alunos gostaram e se surpreenderam, foi saber da existência do *bullying* entre professores, é raro, mas pode acontecer.

Para finalizar, realizamos uma mesa redonda coordenada por mim para as discussões sobre o que os alunos acharam mais interessante nos vídeos assistidos. Os alunos interessados em expor sua opinião foram inscritos para organizar a ordem das falas e os demais ficaram na plateia. Nessa atividade, todos participaram e acabou se tornando um debate, eles estavam eufóricos para dar a sua opinião. Durante a pesquisa, os alunos tiveram uma informação nova, para ser considerado *bullying*, as agressões sofridas deveriam ser repetitivas e geralmente com plateia. Essa informação foi muito útil porque muitas das ações consideradas *bullying*, foram percebidas e classificadas como fatos isolados, eram agressões sofridas ocasionalmente.

A minha intervenção foi suficiente, os alunos entenderam o conceito do *bullying*, como ele acontece, onde acontece, quem pratica, e as características apresentadas por quem sofre. De forma superficial, chamei atenção para a produção dos vídeos e expliquei que no *Youtube* esses vídeos possuem uma forma de interação com os espectadores e permitem comentários, perguntas ou elogios aos produtores. E assim também o texto virtual que permite uma interação com o leitor.

Após a apresentação da situação, passamos para ao reconhecimento do gênero “enquete”, também conhecido como inquérito estatístico que tem a função de coletar opiniões nos mais variados campos, comercial, científico, entre outros. É muito utilizado na área esportiva para coletar informações sobre os torcedores e seus respectivos times do “coração”. É no meio digital que o gênero enquete mais circula, sendo assim, os educandos foram convidados a irem até o laboratório da escola para pesquisarem em alguns *sites*: <http://www.ajes.edu.br/>, <http://www.jregional.com.br/>, <http://veja.abril.com.br/blog/enquetes/>, <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/enquete/quemdeveria-ser-o-tecnico-da-selecao-apos-copa.html>. Nesses *sites*, eles perceberam a estrutura composicional da enquete: uma pergunta e duas ou mais opções de resposta para assinalar.

Em relação à temática e à finalidade perceberam que varia muito. O primeiro é de uma faculdade, o segundo é de um jornal local, o terceiro é de uma revista de variedades e o quarto é de um programa esportivo de uma rede de televisão aberta. Como os *sites* tratam de assuntos diferentes, conseqüentemente, os temas acompanham a programação do *site*. Quanto à finalidade, cada um utiliza conforme a necessidade, nesses casos a faculdade pergunta qual o curso preferido pelos futuros estudantes; o jornal pergunta sobre a administração do atual prefeito e assim por diante.

Após essa etapa, os alunos foram direcionados para os *sites*: www.criarenquetes.com.br e www.desenvolverenquetes.com.br, esses *sites* oportunizaram aos educandos criar algumas enquetes e como eram criadas no formato digital as perguntas e as opções de respostas foram produzidas por etapas. Foi uma atividade empolgante, porque eles criaram enquetes quase que instantaneamente e os colegas respondiam na mesma rapidez.

Em sequência realizamos uma análise mais detalhada numa enquete produzida pelo site da AJES – Faculdades do Vale do Juruena-MT, <http://www.ajes.edu.br/>. A atividade foi realizada em duplas, para que um aluno mais experiente pudesse ajudar o outro menos experiente no trato com a língua. A enquete perguntava: “Qual curso de Graduação você tem interesse?” E havia as respostas já finalizadas: Farmácia: 14%, Fisioterapia: 31,02%, Serviço Social: 4,1%, História: 3,02%, Arquitetura: 29,4% e Engenharia agrícola: 18,1%. No início da

análise, utilizei algumas perguntas: “a) Como vocês analisam a estrutura da enquete dada acima? b) Qual é o contexto social ligado a ela? Ela se destina a algum público em específico ou é generalizado? Ela cumpriu sua função social? c) Como está estruturado o resultado final? Aqueles dados somam 100% no total?” Os educandos em sua maioria consideraram que a estrutura estava organizada e bem fácil de compreender.

Percebi que para eles o fato da enquete estar em um *site* na *internet* a torna pública para todos responderem. Com o meu auxílio, perceberam que ela é pública e acessível para todos, mas se destinava a um público alvo específico: as pessoas que já concluíram ou iriam concluir o ensino médio e pretendiam ingressar no nível superior. Em relação ao contexto social, era destinada a pessoas com um poder aquisitivo elevado, porque a faculdade é particular e cobra uma mensalidade de valor não muito acessível. Quanto à função social, ela cumpriu seu papel, pois o curso mais votado foi o escolhido para ser implantado na faculdade.

Em relação ao resultado final, eles avaliaram que ficou bem claro de se entender e perceberam ainda, que o resultado anunciado em porcentagem não somavam 100% no total e sim 99,64%. No geral, eles conseguiram responder com propriedade os questionamentos, reconheceram o suporte empregado para a veiculação e o conteúdo temático, a educação superior. Em relação à flexão verbal, disseram estar correta, apenas trocariam o pronome interrogativo “qual” pelo “que”.

Na etapa 4, os educandos em duplas produziram três textos do gênero “enquete”. Eles foram orientados a redigirem de forma que ficasse claro o objetivo comunicativo e as “enquetes” pudessem oferecer subsídios para se investigar como o *bullying* se manifestava na nossa escola.

As enquetes produzidas pelos alunos na etapa 4, apresentaram algumas incorreções, ao analisar as produções iniciais, percebi que na maioria das perguntas e opções de respostas, alguns recursos linguísticos foram utilizados de forma contrária à norma padrão da língua, como se evidencia a seguir:

a) “O que o *bullying* escolar significa pra você.”

() Uma Brincadeira () Uma agressão física () ou só uma zoeira entre amigos.

Houve inadequação quanto ao emprego dos sinais de pontuação, principalmente, o interrogativo, usado gramaticalmente para as perguntas diretas. Desta forma, houve uma alteração na entonação, visto que o ponto final identifica uma afirmação do que fora enunciado. Analisei, também, a abreviação da preposição “para” em substituição por “pra”, comumente usado na linguagem informal, que é uma variação da língua.

Quanto às alternativas da pesquisa por “enquete”, algumas marcas linguísticas foram percebidas: no primeiro parêntese, em relação à segunda palavra, o aluno utiliza a inicial maiúscula “B” em vez de b, uma tendência dos recursos tecnológicos em que se misturam tamanho de fonte e letras nos suportes de leitura midiáticos, tão comum entre os adolescentes. Na segunda alternativa, observei que o uso do “til” fora utilizado na letra “o”, cuja troca anula a nasalização do “a”, outras marcas do “til” são verificadas em outros textos, em que é utilizado nas duas vogais.

Outro procedimento verificado nos aspectos gramaticais relaciona-se aos sinais de acentuação, quanto ao deslocamento da sílaba tônica, “**física**”- palavra proparoxítone que na escrita fora escrita como paroxítone, alterando a pronúncia da palavra. No terceiro parêntese, houve a inclusão da conjunção coordenada alternativa “ou”, desnecessária para a estrutura da enquete, o gênero em questão já representa esta possibilidade de exclusão. Também foi verificada a marca de variação linguística situacional por meio de gírias, tão comum entre os adolescentes, essa variação define a relação de um grupo, com uma linguagem própria e interacional, observado pela palavra “**zoeira**”.

b) Como você reagiu após sofrer *bullying*.

() se calou () falou pra sua mãe () denunciou para membros escolar.

Além da ausência do sinal de interrogação, em substituição pelo ponto final, há marcas da fala nos recursos linguísticos: “se calou” – muito comum na linguagem popular a próclise do pronome no início da frase, mas que no nível padrão é considerado como “desvio”. Na segunda opção, temos a abreviação da preposição “para” por “pra” e uma afetividade quanto aos procedimentos familiar, tendo a figura materna, como elemento de fundação e responsabilidade social.

Em outros textos, foram verificadas impropriedades formais da língua, que por meio de recortes, foram perceptíveis quanto à estrutura do gênero:

a) Em algumas alternativas, há o uso de advérbios de dúvida, indicando incerteza quando na verdade a pergunta exige resposta concreta. () sim () não () **talvez**;

() sim () não () **mais ou menos**

b) Repetição desnecessária de advérbios de negação, reforçando e intensificando a pergunta: () sim () **não** () **nunca**

c) Deslocamento da sílaba tônica da palavra, alterando a significação da palavra: “Desagradável, **ninguem** merece passar por esse tipo de constrangimento. A palavra passa a ser paroxítona, em detrimento na posição da tonicidade oxítona. “Você **prática** o *bullying*? Neste caso, há a mudança de classe gramatical, verbo em substantivo.

“Você **ja** praticou *bullying*?” Ausência de acentuação no monossílabo tônico, forma inadequada na escrita.

Esses desvios apontados acima foram projetados em *Datashow* na sala de aula e trabalhados através de uma aula expositiva em que os alunos participaram ativamente, tirando as possíveis dúvidas. Retomei algumas regras de acentuação gráfica, sinais de pontuação, variação linguística e também reservei um tempo para relembrarmos a estrutura da enquete.

Com a devolução das enquetes e a reescrita finalizada, passamos à escolha de quais “enquetes” seriam aplicadas, as escolhidas através de votação entre os alunos foram as seguintes:

1- Você já sofreu ***bullying***? Em que lugar?

a) () não, nunca sofri ***bullying***

b) () sim, na escola

c) () sim, na igreja

d) () sim, em outro lugar

2- Como você reagiu após sofrer ***bullying***?

a) () Eu não sofri ***bullying***

b) () Eu não contei para ninguém

- c) () Eu falei para a direção/coordenação da escola
- d) () Eu falei para um professor (a)
- e) () Eu falei para um amigo

3- Você já praticou **bullying**? Em que lugar?

- a) () não, nunca pratiquei **bullying**
- b) () sim, na escola
- c) () sim, na igreja
- d) () sim, em outro lugar

4- O que você acha que deveria acontecer com a pessoa que pratica o **bullying**?

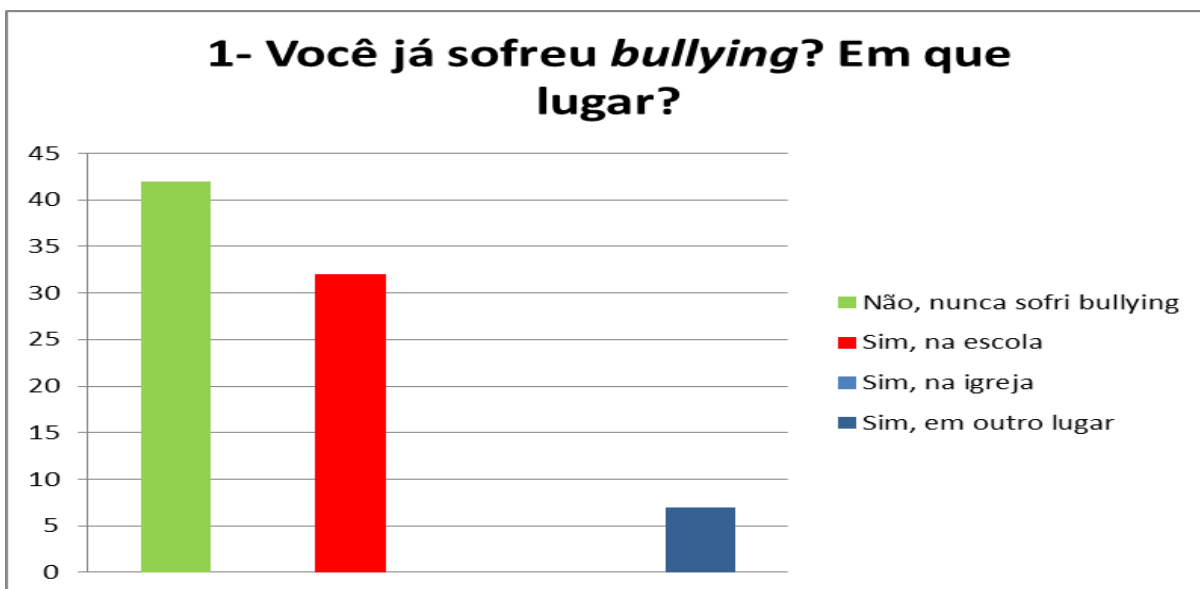
- a) () sofrer o mesmo que pratica
- b) () receber ajuda da família e de um psicólogo
- c) () receber ajuda da escola
- d) () receber punição da justiça

Para a aplicação das enquetes, nos reunimos no período vespertino, em uma sala reservada, retomei com os educandos, os conhecimentos adquiridos acerca do *bullying*. Os alunos foram divididos em três grupos. Cada grupo aplicou as enquetes em uma turma diferente. Antes da aplicação, os grupos realizaram uma comunicação oral sobre o tema *bullying*, para que os alunos pesquisados ao responder não se equivocassem em diferenciar o *bullying*, de uma agressão ocasional. Eles foram orientados para deixar claro, que uma das principais características desse fenômeno é a repetitividade. Eu supervisionei cada comunicação e a aplicação, tudo saiu conforme o combinado. Nas três turmas, tivemos um número de oitenta e um participantes.

Com as informações em mãos, convidamos o professor Fábio Bernardo da Silva, mestre em matemática, para que nos auxiliasse na tabulação dos dados das enquetes. O professor Fábio, apesar de não ser professor da turma, aceitou realizar essa atividade interdisciplinar conosco.

A seguir, apresento os gráficos tabulados. O total de alunos pesquisados foram oitenta e um:

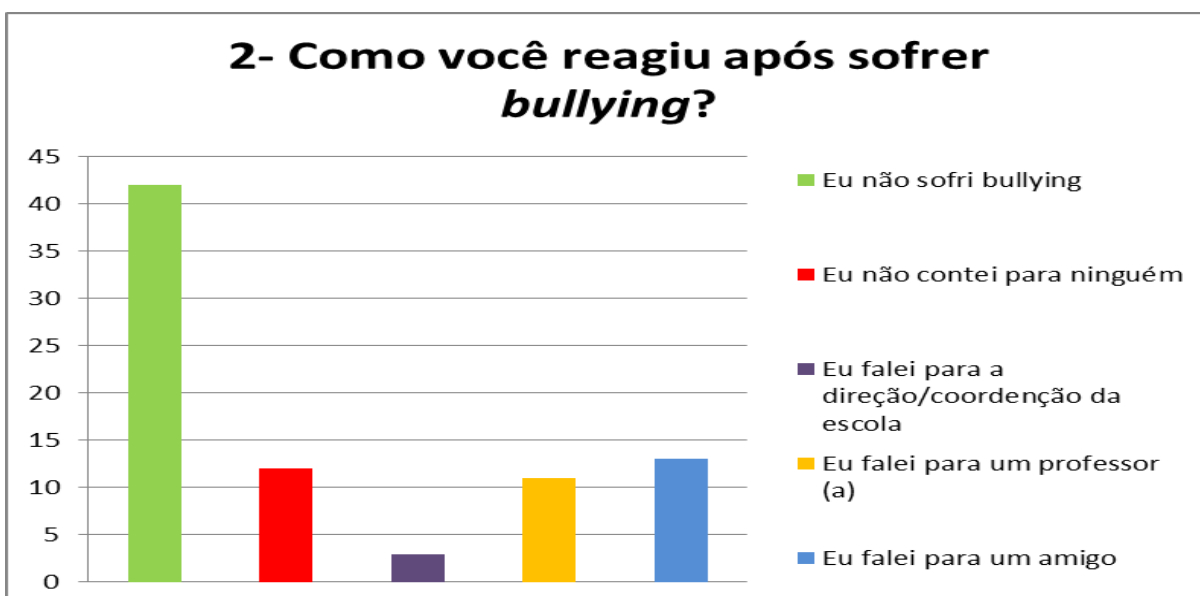
Gráfico 1 – Você já sofreu bullying? Em que lugar?



Fonte: COSTA, Cesar Vicente da, 2015.

O gráfico acima responde a nossa pergunta inicial “Será que o *bullying* acontece em nossa escola?” Do total de 81 participantes 42 responderam não ter sofrido *bullying*, 32 deles responderam que sofreram *bullying* na escola e 7 deles admitiram ter sofrido *bullying* em outro lugar. O número 32 foi bastante expressivo e pegou os alunos de surpresa, eles acreditavam que existia *bullying*, mas não nessa proporção. Em termos percentuais, na escola foram 48% do total.

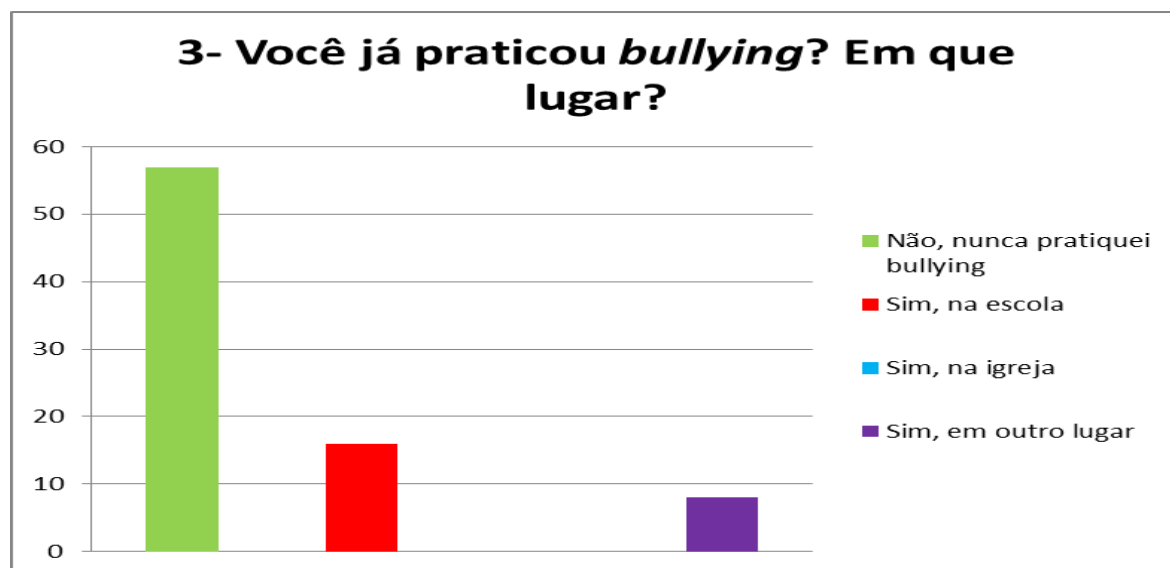
Gráfico 2 – Como você reagiu após sofrer bullying?



Fonte: COSTA, Cesar Vicente da, 2015.

Esse gráfico mostra que 42 participantes não sofreram *bullying*, dos 39 pesquisados que admitiram sofrer *bullying* 12 deles não contaram para ninguém, estão sofrendo calados, apenas 3 procuraram ajuda na direção/coordenação da escola, 11 falaram com o professor e 13 falaram para um amigo.

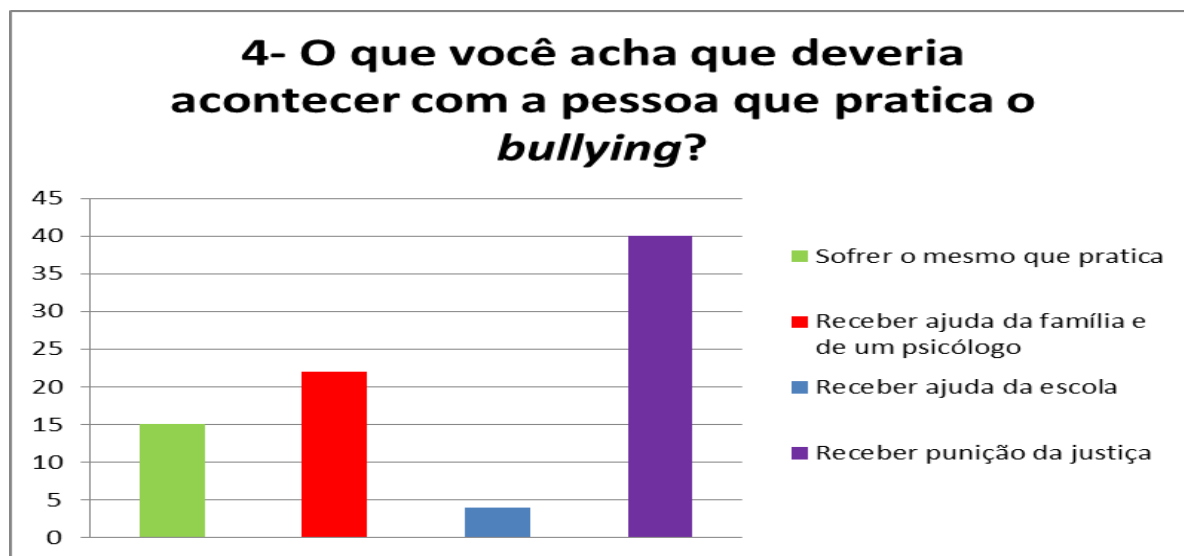
Gráfico 3 – Você já praticou bullying? Em que lugar?



Fonte: COSTA, Cesar Vicente da, 2015.

Conforme o gráfico, 57 participantes responderam não ter praticado *bullying*, 16 admitiram ter praticado *bullying* na escola e os 8 restantes disseram ter praticado em outro lugar. Esses números são preocupantes, 16 praticantes de *bullying* na escola a cada 81 alunos, é bastante expressivo, considerando que cada um desses pode agredir vários alunos durante o período em que permanecem na escola.

Gráfico 4 - O que você acha que deveria acontecer com a pessoa que pratica o bullying?



Fonte: COSTA, Cesar Vicente da, 2015.

Neste gráfico, 15 participantes disseram que os praticantes de *bullying*, merecem sofrer o mesmo que pratica, 22 deveriam receber ajuda da família ou de um psicólogo, 4 deveriam receber ajuda da escola e 40 deveriam receber punição da justiça. Isso mostra que há um movimento de revolta em relação aos praticantes. Do número dos pesquisados que sofrem *bullying* na escola, apenas 4 deles acreditam que a escola possa resolver esse problema, percebe-se um descrédito em relação à instituição.

A análise dos gráficos despertou o senso crítico dos alunos, eles sugeriram a produção de alguns vídeos informativos sobre o *bullying* e também criar um grupo no *Facebook* para as postagens. O grupo foi criado na página do meu perfil e foi “batizado” de **ESCOLA CONTRA O BULLYING**; ele está disponível no seguinte *link*: <https://www.facebook.com/groups/382864901910873/>, nesse endereço podem ser conferidas as enquetes produzidas pelos alunos e as respostas através dos gráficos acima que lá estão publicados. A ideia inicial era apenas circular e socializar os textos produzidos, mas a partir dos resultados das enquetes, os alunos despertaram para o ativismo contra o *bullying*, o grupo já tem dezenas de postagens em fotos e imagens, vídeos compartilhados e vídeos produzidos por eles mesmos com seus celulares, seus *tablets* etc., o conteúdo é aberto ao público. As informações das

enquetes também foram publicadas de forma impressa, na 26ª edição do Jornal da escola (*InformEzequiel*) com 500 tiragens bimestrais.

Na sequência didática II, o *bullying* ainda figura como tema central, mas o gênero passa a ser a “entrevista jornalística”. No início das atividades, deixei claro o objetivo principal dessa sequência, seria aplicar a referida entrevista na instância da coordenação da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin. Além desse, teríamos outros, como conhecer e reconhecer as principais características do gênero.

Os alunos foram convidados a ir até o laboratório da escola para realizar uma pesquisa nos seguintes sites: <https://www.facebook.com/pages/Entrevista/104060079629863?fref=ts#>, <http://www.cancaonova.com/portal/canais/entrevista/entrevistas.php?id=929> <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/tiririca-estou-meio-perdidao>. Nesses sites, os alunos tomaram contato com o conceito de entrevista e puderam ler uma entrevista realizada com o professor Gabriel Chalita e outra realizada com o Deputado e comediante Francisco Everardo Oliveira Silva, “o Tiririca”.

Apesar do conteúdo ser de boa qualidade e a apresentação clara e atrativa, considerei não ser suficiente apenas a visita aos sites e providenciei as respectivas entrevistas para a leitura na forma impressa. Eles puderam manusear e não deixaram de notar nenhum detalhe de sua estrutura. Disponibilizei ainda um grande número de revistas existentes na biblioteca da escola, com várias entrevistas com pessoas ligadas à educação, para que os alunos fossem se adequando ao vocabulário empregado, percebendo o estilo de cada repórter, em cada uma delas, bem como o grau de formalidade que a situação exigia. Essa observação foi muito importante, porque ao final eles estariam numa situação formal, ocupando o lugar de repórter, numa entrevista com uma das três coordenadoras da escola.

Após pesquisas na *internet*, selecionei três entrevistas em vídeo, uma aluna chamada Isabela Nicastro Silva, que sofreu *bullying* na escola e concedeu uma entrevista ao apresentador Serginho Groisman, do programa ALTAS HORAS da Rede Globo de Televisão. Na outra, o psicanalista Marcos Lacerda trouxe várias informações acerca do *bullying* e por último a entrevista de uma psicanalista chamada Ana Beatriz Barbosa Silva. Os estudantes foram orientados a prestar atenção nas novas informações, mas não perdessem de vista a forma como os entrevistadores se comportavam diante do convidado e também como os entrevistados colaboravam com o entrevistador. Os alunos gostaram muito das

entrevistas, além de reforçar o conhecimento adquirido sobre o tema estudado, novas informações foram adicionadas, como o fato de que só existe *bullying* entre iguais, por exemplo, o professor não comete *bullying* contra um aluno, isso seria assédio moral.

Como objeto de análise mais aprofundada, selecionei a entrevista do professor Gabriel Chalita, considerando alguns aspectos: estrutura composicional, temático, estilo e função social. Iniciamos com uma atividade oral para situar os educandos, de forma geral quando foram questionados, a maioria entendeu o objetivo de se entrevistar uma pessoa, obter informação sobre algum assunto ou sobre a própria pessoa, perceberam que a introdução da entrevista serve para apresentar o entrevistado e dar mais credibilidade as suas respostas e ajudar a anteciper o assunto a ser abordado, de todos os trinta e dois alunos, apenas uma aluna conhecia o professor Gabriel Chalita, por tê-lo ouvido num programa de rádio. Consideraram que o foco da entrevista foi no assunto e o entrevistado dominava completamente o tema (nesse ponto chamei a atenção para os dados estatísticos que ele apresentou), eles perceberam ainda que os dados por ele apresentados ficaram bem próximos dos obtidos por nós na aplicação da enquete.

Quanto à informação nova, eles entenderam sobre a responsabilidade dos pais, além de proteger os filhos da agressão, devem também impedi-los de agredir outras crianças e adolescentes. Sobre a metáfora da esponja, o professor Gabriel Chalita foi muito claro e os alunos entenderam rapidamente, o poder de aprendizado da criança, ela aprende com os bons exemplos e com os ruins também.

Realizamos uma atividade de perguntas e respostas em duplas e por escrito. Nessa atividade de análise, solicitei que os educandos tivessem em mãos as entrevistas do professor Gabriel Chalita e do Deputado Francisco “O Tiririca”. Em relação ao tema abordado em cada uma das entrevistas, eles não tiveram dúvidas. A primeira tratava-se do *bullying*, a segunda de política.

Quanto à estrutura, eles avaliaram que as entrevistas estão bem estruturadas, apresentam título, introdução, perguntas e respostas bem definidas. Os alunos consideraram que as perguntas foram claras e objetivas, mas em relação ao nível de linguagem, houve algumas divergências. A maioria optou pela opção formal, porém alguns alunos verificaram que durante a entrevista do professor Gabriel Chalita, no

site cançãonova.com, em um momento o *site* utilizou o pronome de tratamento “senhor” e em outra pergunta o termo utilizado, “você”, foi totalmente informal.

Na entrevista com o Deputado Tiririca, o repórter utilizou o pronome “senhor” do começo ao fim. Em relação à relevância social, a entrevista com o professor Gabriel Chalita teve extrema relevância, porque o *bullying* é um mal que ronda as crianças e adolescentes e ele orienta sobre formas importantes para a prevenção. A entrevista do deputado Tiririca foi mais a título de curiosidade. A repórter Luciana Marques utilizou um título jocoso, Tiririca: “estou meio perdidão”. Na introdução, chamou-o de palhaço-deputado, e o assunto abordado acabou se desviando para a sua profissão antes do mandato de deputado.

Na situação em que o entrevistado não entender a pergunta ou responder de forma evasiva, os educandos consideraram que a pergunta deveria ser repetida para confirmar se o entrevistado realmente não entendeu, ou realmente não queria responder. A entrevista é um gênero oral e escrito e após a gravação elas são transcritas para o papel, para depois serem publicadas. Em relação à entrevista ser passada na íntegra ou editada, os alunos ficaram divididos, mas a entrevista do Deputado Tiririca dá pistas de ter sido transcrita na íntegra, porque aparecem algumas reticências que denotam que o entrevistado está pensando e cada pergunta subsequente é baseada na anterior.

Sobre a marca de oralidade em alguma transcrição, novamente os alunos ficaram divididos, disseram que aparecia ora em uma ora em outra, mas nenhum conseguiu localizar essa marca, portanto chamei a atenção para as reticências que aparecem na entrevista do Deputado Tiririca, indicando uma pausa longa na fala ou pensando sobre o que falar. Sobre os sinais de pontuação, os alunos reconheceram a vírgula utilizada para dar uma pequena pausa na pergunta, as aspas para incluir a fala do entrevistado na pergunta e o ponto de interrogação que caracteriza a pergunta, diferenciando uma frase ou oração afirmativa de uma interrogativa.

As frases em destaque numa entrevista através de aspas recebem o nome de “olho”. Quando foram solicitados para destacar outra frase para ser o “olho” das entrevistas analisadas, os alunos foram quase unânimes em destacar a frase do professor Gabriel Chalita “A definição mais fácil para *bullying* é uma agressão à alma”, isso mostrou como o tema afeta verdadeiramente os alunos em sala de aula.

Finalizada essa etapa, os alunos formaram duplas e foram desafiados a teatralizarem as entrevistas analisadas, eles deveriam se revezar no papel de entrevistado e entrevistador. A atividade foi muito bem aceita e teve uma parte mais formal, com a entrevista do Gabriel Chalita e uma parte mais cômica, com a entrevista do Deputado Tiririca. Essa atividade serviria como treinamento para a entrevista planejada na produção final. Na sequência, escreveram uma produção inicial, simulando uma entrevista com o colega que poderia ser ele mesmo, ou representar uma personagem a sua escolha.

Em relação à entrevista, na produção inicial, foram percebidas algumas incorreções quanto aos elementos linguísticos na modalidade padrão da língua. Pela estrutura do gênero, é estabelecido o título para a produção e o perfil do entrevistado. Ao realizar as perguntas, percebeu-se que o pronome interrogativo “qual” e “o que” foram os mais utilizados pelos alunos, sendo constatado o uso de interrogativas indiretas em alguns casos “Para você o que significa dizer jeitinho brasileiro” e uso de orações simples na maioria dos questionamentos.

- Percebeu-se um paralelismo sintático nas perguntas “para você...” “o que você acha?” “qual é...”
- As perguntas relacionaram-se aos comportamentos e atitudes dos entrevistados que direcionaram aos princípios éticos, preferências estéticas e outras afinidades. Outras perguntas referiram-se a situação política do país, foco de discussão da mídia nacional quanto aos escândalos de corrupção.
- Alguns alunos utilizaram-se de outras esferas sociais para realizar suas entrevistas, principalmente à midiática: “Olá, bom dia!”
- Inadequações quanto ao uso de pronomes de segunda e terceira pessoa do discurso: “O que **você** mais desenvolve na **tua** área de trabalho?” O pronome deveria ser “sua” correspondente ao pronome você.
- A semântica quanto à significação da palavra, termos mais formais para a estrutura da entrevista: “O que você diz do mundo animal?” – em vez de “diz” poderia utilizar a palavra “pensa”, mais cabível para o gênero discursivo.
- Junção de palavras, como visto no enunciado; “Bom **apartir** deste momento...” neste caso há a separação da locução “a partir”.

- Uso dos verbos e seus complementos por meio de preposição: “Qual a matéria que você mais gosta?” O verbo transitivo indireto “gostar” exige a preposição “de”, sendo o correto: “Qual a matéria de que você mais gosta?”.

A partir desse diagnóstico acima, foram trabalhados alguns exercícios para tentar minimizar ou erradicar erros futuros. Na parte gramatical, utilizamos o próprio livro didático da turma, assim como outros materiais disponíveis na biblioteca da escola e pesquisa no laboratório de informática.

Na sequência das atividades, a turma foi dividida em três grupos, mesclando sempre os alunos com maior conhecimento linguístico, com os de menor habilidade para equilibrar as condições de produção. Nos grupos, foram produzidas algumas perguntas, formuladas para a entrevista com a coordenação da escola, desta forma, situando-as de acordo com o nível de linguagem padrão. Essas produções foram recolhidas e trabalhadas de forma coletiva em sala de aula. A análise iniciou-se a partir da saudação verificada nos textos: “Bom dia!”, acrescida de uma formulação interativa de representação discente: “somos alunos do 9º ano...”, especificando além da série, a turma e o objetivo da entrevista. Logo abaixo, o perfil da coordenadora da escola e sua formação acadêmica.

Quanto às marcas linguísticas, verificou-se que os grupos utilizaram uma variedade linguística situacional, adaptando à língua a um nível formal de interatividade. Pronomes de tratamento foram utilizados por dois grupos como forma de saudação: “Senhora” e “Professora”, enquanto na formulação de um dos grupos, não houve saudação e pronome específico. Em relação a uma das perguntas: “A escola **têm** desenvolvido algum projeto **Para** acabar com o **Bullying?**” – verificou-se uma inadequação quanto ao verbo “ter” na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, pois o aluno ao acrescentar o acento circunflexo ao verbo desloca para a terceira pessoa do plural do mesmo tempo, que não é aceitável. Outro detalhe já comentado refere-se ao uso de letras maiúsculas no início de algumas palavras; “Para” e “*Bullying*”.

Em outro enunciado: “O que acontece com o agressor quando **alguem** vem aqui na coordenação e faz a **denuncia**? Percebe-se nesta pergunta, a dificuldade do grupo em pôr o acento na sílaba apropriada. Assim, desloca-se a posição da sílaba que afeta a tonicidade da mesma: “denúncia – denuncia” alteração da classe gramatical do substantivo em verbo, ou, quando a palavra altera sua sílaba tônica,

perpassando de uma posição oxítona para paroxítona: alguém – alguém”. Nota-se, também, que no enunciado: “A senhora acredita que atualmente a educação **esta** dando a devida **importancia** ao *bullying*?”, temos outros “desvios” quanto à acentuação gráfica, perceptíveis no verbo “estar”, alterando a significação da conjugação da terceira pessoa do singular do presente do indicativo “**está**”, em pronome demonstrativo “**esta**”, que reflete a posição do sujeito a algo que se situa próximo ao aspecto espacial. Outra inadequação ocorre também na paroxítona terminada em ditongo “**importancia**”, cuja acentuação foi anulada “importância”.

Em outra pergunta: “Professora Raqueline, **teim** aconteceu...” houve o acréscimo de uma vogal “i” ao verbo ter, marca da oralidade, em que a pronúncia dos sons finais “em” tem como fonemas “ei - ditongo crescente nasal”. Em outra pergunta: “Por algum **ecidente** da vida você já **sobeu** ou praticou este ato moral? Justifique **tua** resposta?”, há uma relação semântica de parônimo quanto à palavra “acidente” e “incidente” – em que seria necessária a substituição do vocábulo, além do “desvio” à ortografia do início da palavra “**ecidente**”. Outro fato demonstrado refere-se à troca do fonema “f” por “b”, que demonstra a dificuldade do grupo em reconhecer as sílabas complexas “fr”, dificuldade básica do processo de aquisição da linguagem. Quanto ao pronome demonstrativo “**tua**”, conforme normas gramaticais, a forma correta seria “sua”, pela forma de tratamento à coordenadora e correlação ao pronome “você” de tratamento.

Por fim, no enunciado “[...] o que tem feito para punir estes **tipos** de infratores”, verifica-se que foi usado um termo não adequado para a situação de interação comunicativa, pois a palavra “tipos” revela a depreciação perante o ser humano, não condizendo ao enunciado da situação.

Esses foram alguns dos desvios mais cometidos. Após essa etapa as perguntas dos grupos foram colocadas em regime de votação, para decidir quais perguntas seriam revisadas e reescritas para posteriormente serem utilizadas na entrevista com as coordenadoras. Finalizada a votação, foram escolhidas seis perguntas para a entrevista. Os três grupos criados anteriormente, deveriam escolher qual coordenadora iriam entrevistar e também iniciar os procedimentos de convite e agendamento conforme a disponibilidade das coordenadoras e dos grupos.

As três coordenadoras foram adicionadas ao perfil criado no *Facebook* desde o início da pesquisa. O grupo A, escolheu a Coordenadora Raqueline Bernardi para

a entrevista pelo fato de ela ser a que mais acompanhou as postagens sobre o *bullying* no grupo criado, a sua entrevista foi escolhida para ser publicada no grupo do *Facebook* e para ilustrar esse trabalho. Os educandos realizaram uma visita à sala da coordenação para buscar informações sobre o currículo da professora e escrever a introdução da entrevista. Nesse mesmo momento, agendaram o melhor horário para entrevistá-la.

Os alunos do grupo A reuniram-se com a professora Raqueline Bernardi na biblioteca no horário das onze horas até o meio dia, para a gravação da entrevista. Os educandos, utilizaram um celular com recurso de gravação de áudio para registrar a entrevista. Alguns critérios foram adotados antes da transcrição da entrevista, o grupo deveria guardar sigilo por eventuais erros de pronúncia, não mudar a intenção comunicativa da entrevistada. Nessa tarefa, assumi a mediação para a edição da entrevista, na opinião do grupo deveriam retirar as marcas de oralidade e outras repetições desnecessárias. Após a edição a entrevista foi passada a limpo e impressa para realizar mais uma revisão e finalização.

3.2 ENTREVISTA COM A COORDENADORA RAQUELINE BERNARDI

Alunos do 9º ano “C” da Escola Estadual Pe. Ezequiel Ramin, Juina –MT.

Entrevistadores: Jarison José, João Oliveira, Markus Paulo, Amanda Nicolau e Miriã Diniz

O Bullying em nossa Escola

A professora Raqueline Bernardi é formada em matemática, especialista em Ensino Médio Integrado à Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), atualmente exerce a função de Coordenadora Pedagógica na Escola Estadual Pe. Ezequiel Ramin.

Jarison: Professora Raqueline, tem acontecido *bullying* na escola Padre Ezequiel Ramin?

Raqueline: Sim, nós temos casos de *bullying* aqui na nossa escola, em todos os períodos de aula, matutino, vespertino e noturno, também em todas as faixas etárias, desde os menores de seis anos até os alunos do ensino médio.

João: O aluno que sofre *bullying* aqui na escola, pode procurar a coordenação sem se intimidar?

Raqueline: Com certeza, ele deve procurar a coordenação, às vezes, o aluno tem vergonha da situação que está passando, então o que pode acontecer, um amigo também pode estar nos procurando, para que nós possamos solucionar esse problema e tentar findar essa situação.

Markus: O que acontece com o agressor, quando alguém procura a coordenação e faz uma denúncia?

Raqueline: Nós conversamos com o agressor, se for uma reincidência, nós comunicamos os pais, fazemos uma reunião, um registro em Ata, onde os pais assinam e o agressor assina também, nós conversamos com eles e explicamos todas as consequências do *bullying*, tanto para quem é agredido, quanto para quem agride. Nos dias atuais podem fazer uma denúncia, procurando ajuda da polícia, porque é um crime. Apesar dos professores comentarem a respeito, alguns ainda desconhecem a lei que protege o menor desse tipo de agressão. Então nós conversamos com eles nesse sentido, para que não aconteça. Mas se reincidir, nós fazemos o registro, assim fica a cargo dos pais se eles vão querer denunciar o agressor do filho.

Amanda: Sem a denúncia, a coordenação consegue identificar as vítimas de *bullying* na escola?

Raqueline: É difícil para a coordenação, porque quando eles percebem a nossa presença, eles não cometem essas agressões, por isso é importante a denúncia. Já pelo professor é mais fácil, pois eles têm um contato mais direto com os alunos.

Miriã: Em sua opinião, qual o motivo que leva os agressores a praticar o *bullying*?

Raqueline: Eles consideram como se fosse uma grande brincadeira, e a maioria dos agressores se sente de certa forma inferior aos colegas, então acabam pegando outro colega e fazendo essas brincadeiras, tirando sarro, apelidando, e até mesmo

agredindo. São poucos casos de agressões físicas, porém há muitas agressões verbais.

Markus: A Escola tem desenvolvido algum projeto para acabar com o *bullying*?

Raqueline: Para acabar com o *bullying* só tem uma solução, é um trabalho contínuo que deve ser lembrado todos os dias em sala de aula. A escola já fez formações com os professores para conhecer melhor o assunto, como ele acontece e como identificar um aluno que está sofrendo com essa situação e também para saber qual a abordagem que devemos adotar. A escola faz essas formações para saber lidar com o agressor e também com os pais dos alunos, tanto dos que sofrem quanto dos que praticam.

Jarison: Muito obrigado pela sua participação e fica um espaço para suas considerações finais.

Raqueline: Sou eu que agradeço o convite, quero deixar aqui meus parabéns para a turma, para vocês e parabéns para o professor César e agradecer por esse trabalho que vocês estão realizando, por toda essa divulgação nas redes sociais, principalmente no *Facebook* que atinge a maioria dos jovens da nossa escola, isso ajudará muito no combate ao *bullying*.

Esse trabalho foi motivador pelo fato de ser em grupo, a interação aconteceu o tempo todo, os alunos atingiram o objetivo comunicativo e o resultado foi essa bela entrevista, produzida pelos alunos do 9º ano “C”, publicada no grupo ESCOLA CONTRA O *BULLYING*, disponível em: <https://www.facebook.com/groups/382864901910873/> e posteriormente no jornal impresso da escola (*InformEzequiel*).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O prazer do ensino aprendizagem está ligado ao sucesso, sem uma resposta positiva em seu trabalho o professor se desmotiva, esse trabalho proporcionou grande satisfação no dever cumprido, os alunos se empenharam na realização das atividades e obtiveram êxito. O pensamento de que a utilização de novas tecnologias poderia trazer um novo ânimo no fazer pedagógico, estava correto. A utilização das sequências didáticas aliadas a essas novas tecnologias (telefone celular, *Datashow*, etc), propiciou um estudo mais estruturado dos gêneros textuais “enquetes” e “entrevista jornalística”. Na apresentação da situação, os alunos já demonstravam o interesse na nova metodologia do professor pesquisador, que antes do mestrado e da pesquisa proposta, preparava suas aulas apenas com o livro didático.

O tema do trabalho, o *bullying*, se mostrou adequado, era um problema vivido por muitos alunos da turma do 9º ano “C” da Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin. Com a integração entre o tema e a adaptação aos gêneros textuais já referidos, o trabalho foi muito importante para a vida escolar do grupo. No reconhecimento do gênero, tive a felicidade de encontrar um “modelo” integrado ao tema: a entrevista com o professor Gabriel Chalita intitulada, ***Bullying: a solução é o diálogo e o bom exemplo***. A sua utilização foi dupla, enquanto analisávamos sua estrutura composicional, sua função social etc., também aprendíamos um pouco mais sobre o tema.

O ambiente virtual *Facebook*, motivou os alunos a escreverem, porque seus textos circularam num meio em que eles “frequentavam” periodicamente, a circulação e a socialização aconteceu naturalmente, com as visualizações, as curtidas, os compartilhamentos e os comentários. Suas produções deixaram de ser apenas para o professor corrigir e dar uma nota, eles tiveram uma significação maior para se engajar no trabalho. Na aplicação da “enquete”, constatamos que existe um número elevado de *bullying* na escola e a maioria dos alunos não busca ajuda na escola. Na realização da “entrevista jornalística”, percebeu-se que os professores são preparados para agir, e à medida que o *bullying* é detectado, a equipe da coordenação da escola procura meios para a solução do problema. O que falta é uma conscientização dos alunos para procurar ajuda no ambiente escolar, com o

professor, ou com as coordenadoras. A entrevista da coordenadora Raqueline Bernardi publicada no grupo ESCOLA CONTRA O *BULLYING*, no *Facebook* e no *Jornal da Escola*, (*InformEzequiel*), ajudará os alunos a entender que sempre podem contar com a ajuda das coordenadoras se estiverem sofrendo ataques na escola.

As postagens de imagens e vídeos dos alunos, condenando essa prática e divulgando os meios pelos quais as vítimas podem se defender, também terão uma repercussão social positiva no meio escolar e no ambiente virtual, em que ocorre o fenômeno conhecido como *Cyberbullying* (agressões por meios eletrônicos e digitais).

A realização das atividades em grupo e em duplas foi um ponto extremamente positivo do trabalho, passou mais segurança aos alunos, principalmente o fato de sempre colocar um aluno mais experiente linguisticamente, junto com outro menos experiente. Foi gratificante acompanhar os alunos, após constatarem os números do *bullying* na escola, terem a iniciativa de publicar vídeos, combatendo e alertando as vítimas atingidas por esse mal. Eles planejam realizar uma campanha um pouco mais elaborada com a confecção de camisetas, passeatas, etc.

O estudo provocou uma grande reflexão sobre a minha prática pedagógica, o ensino da língua não se restringiu apenas a sua estrutura, o “novo” experimentado através das sequências didáticas e a busca nas teorias mostraram-me alternativas para trilhar novos caminhos e a ousar mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Jefferson Cabral; MIRANDA, Fabiana Aguiar de; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do *Cyberbullying* no contexto da escola, São Paulo, **Intercom – RBCC**, v. 35, n. 2, p. 247 – 265, jul./dez. 2012.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. — (Coleção Ensino Superior).

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. Einführung in die Textlinguistik. Tübingen: Niemeyer, 1981. *In*: KOCH, Ingedore & ELIAS, Vanda. **Ler e escrever estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2012.

BORTONI-RICARDO; V. (Orgs.) **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola, 2013.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele.; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. João Wanderlei. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Santa Cruz do Sul: Signo, 2007.

KOCH, Ingedore & ELIAS, Vanda. **Ler e escrever estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2012.

LACERDA, Geisa Hupp Fernandes; DUTRA, Maria de Fátima Mendes; OLIVEIRA, Patrícia Gonçalves. *BULLYING*: Uma velha e (Des) conhecida violência dentro das escolas. **Revista em Conhecimento em Destaque**, v. 02, n. 2, p. 01 – 17, jul./dez., Serra – ES: 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENEGASSI, Renilson. José. **Da revisão a reescrita**: operações e níveis linguísticos na construção do texto. 1998. 263 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista - Campus de Assis - Faculdade de Ciências e Letras - Assis - SP - 1998.

LOPES NETO, Aramis A. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, nº 5 (Supl.), p. 164 – 172. Rio de Janeiro – RJ - 2005.

OLIBONI, Samara Pereira. **O Bullying como violência velada: a percepção e ação dos professores**. 2008. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande - RS.

OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glícia Azevedo; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. 2. ed. Natal/RN: EDUFRN, 2014.

REIS, Marcella et al. **O outro lado do Facebook**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação. Palmas – TO - 2012.

ROJO, Roxane.; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Leonor Werneck dos; CUBA RICHE, Rosa; TEIXEIRA, Claudia de S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat . **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed., São Paulo: Cortez, 2009.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Respel, 2012.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

AJES FACULDADES DO VALE DO JURUENA. Qual curso de graduação você tem interesse. Disponível em: <<http://www.ajes.edu.br/>> Acesso em: 07 jul. 2014.

BULLYING PORTAL DO PROFESSOR. Bullying. Disponível em: <<http://bullyingportalprofessor.wordpress.com/>> Acesso em: 07 jul. 2014.

BULLYINGNÃOÉBRINCADEIRA.COM.BR. **Bullying não é Brincadeira**. Disponível em: <<http://bullyingnaoebrincadeira.com.br/about/>> Acesso em: 07 jul. 2014.

CANÇÃO NOVA.COM. **Acampamento no combate da oração**. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/portal/canais/entrevista/entrevistas.php?id=929>> Acesso em: 10 jul. 2014.

DESENVOLVER ENQUETES.COM.BR. Disponível em: <www.desenvolverenquetes.com.br> Acesso em: 10 jul. 2014.

ENQUETE.COM.BR. **Crie sua enquetes**. Disponível em: <www.criarenquete.com.br> Acesso em: 10 jul. 2014.

ENQUETES.COM.BR. Disponível em: <<http://www.enquetes.com.br/>> Acesso em: 07 jul. 2014.

FACEBOOK.COM. **Entrevista**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Entrevista/104060079629863?fref=ts#>> Acesso em: 10 jul. 2014.

FACEBOOK.COM.BR. **Como fazer facebook**. Disponível em: <<http://www.comofazerfacebook.com.br/criar-uma-enquete/>> Acesso em: 07 jul. 2014.

FACEBOOK.COM.BR. **Como fazer facebook**. Disponível em: <<http://www.comofazerfacebook.com.br/>> Acesso em: 07 jul. 2014.

GALLARDO, Barbara Cristina. **Comunicação transnacional no Facebook**: uma análise discursiva das identidades digitais de professores de língua inglesa em formação. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos de Linguagem. Universidade de Campinas – Unicamp. Campinas, 2013. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000903147>> Acesso em: 20 nov. 2014.

GLOBO.COM. **Esporte Espetacular**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/enquete/quem-deveria-ser-o-tecnico-da-selecao-apos-copa.html>> Acesso em: 14 jul. 2014.

GOOGLE.COM.BR. Disponível em: <<https://www.google.com.br/>> Acesso em: 07 jul. 2014.

J REGIONAL. Disponível em: <<http://www.jregional.com.br/>> Acesso em: 07 jul. 2014.

PORTAL BULLYING. Disponível em: <<http://www.portalbullying.com.pt/>> Acesso em: 07 jul. 2014.

SEDUC MT GOV BR. **Orientações Curriculares do Estado do Mato Grosso 2012**. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/conteudo.php?sid=463>> Acesso em: 10 jul. 2014.

SILVA, Geane de Jesus. **Bullying quando a escola não é um paraíso**. Artigo publicado na edição nº 364 do jornal Mundo Jovem - março de 2006. Disponível em: <<http://www.mundojovem.com.br/bullying.php>> Acesso em: 20 jul. 2014.

VEJA ABRIL.COM.BR . **Enquetes**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/enquetes/>> Acesso em: 10 jul. 2014.

VEJA ABRIL.COM.BR. **Eu estou meio perdido**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/tiririca-estou-meio-perdidao>> Acesso em: 10 jul. 2014.

VIMEO. **Bullying na Escola**. Disponível em: <<http://vimeo.com/3754928>> Acesso em: 10 jul. 2014.

YOU TUBE.COM . **Altas horas: bullying**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=iL9HgmTTFpl>> Acesso em: 10 jul. 2014.

YOU TUBE.COM. **Altas Horas: bullying**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pkduLIJgks0>> Acesso em: 10 jul. 2014.

YOU TUBE.COM. **Bullying:** Entrevista Coletiva com o psicólogo Marcos Lacerda. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pqf8oSv18C8>> Acesso em: 10 jul. 2014.

YOU TUBE.COM. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ih65cKbBJ8E>> Acesso em: 10 jul. 2014.

YOU TUBE.COM. **Filme bullying educacional.** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OBH8NXL-15A>> Acesso em: 10 jul. 2014

ANEXOS

ANEXO 1

Comunicado da Diretora aos pais, comunicando o envio do termo de CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, para a participação dos filhos no projeto.

Conforme o Artigo 2º da Resolução nº 28/2013, “O Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no País.”.

E um dos objetivos desse programa está exposto no Inciso IV do Artigo 7º desta mesma Resolução: “indicar os meios adequados para trabalhar diferentes gêneros discursivos e tipos textuais nas práticas de ensino e da aprendizagem da escrita, da leitura e da produção textual em suportes digitais e não digitais.”.

Portanto, para poder envolver os alunos nos projetos de forma direta ou indireta como autores/coautores dos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, a escola precisa de autorização do responsável, para que esses trabalhos possam ser divulgados.

Por isso, encaminhamos o termo de consentimento que será recolhido pelo professor **César Vicente da Costa** aprovado no Mestrado Profissional em Letras e responsável pelo projeto: O *FACEBOOK* COMO ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DE TEXTOS DE UMA TURMA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, que será aplicado em sala de aula.

Vários trabalhos serão desenvolvidos durante o ano letivo de 2015, podendo envolver gravações para textos orais, filmagens de trabalhos apresentados, paródias, poemas ou outros trabalhos que o professor promoverá. Asseguramos aos pais que toda postagem realizada no *Facebook*, *sites* ou murais da escola passará pela coordenação do projeto que julgará a conveniência da mesma, não infringindo os direitos humanos nem denegrindo a imagem do (a) aluno (a) ou da família.

Atenciosamente,

A direção.

_____, _____ de _____ de _____.

ANEXO 2

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente termo, autorizo a Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin a fazer uso do nome, imagem e voz de meu/minha filho (a) para serem postados no **Facebook**, bem como em cartazes e murais da instituição, com o objetivo único de apresentar aos alunos, pais e comunidade os trabalhos pedagógicos e eventos desenvolvidos na escola ou relacionados a ela.

Toda postagem de nome, imagem ou voz terá acompanhamento e autorização de toda equipe Gestora da escola. Não será permitida a divulgação de nome ou imagem que possa denegrir a moral, trazendo constrangimento para o aluno ou seus familiares.

A autorização abaixo tem validade apenas para o ano de 2015, podendo os pais ou responsáveis retirá-la a qualquer tempo, bastando informar ao coordenador responsável pelos projetos do Mestrado Profissional em Letras.

Atenciosamente,

_____, ____ de _____ de _____.

Professor coordenador do projeto
César Vicente da Costa

Diretora da Escola Estadual Padre Ezequiel
Ramin

Nome do (a) Aluno (a)

Assinatura do Pai, mãe ou responsável pelo
(a) Aluno (a)

EM CASO DE **NÃO** ACEITAÇÃO, PREENCHER ABAIXO:

Eu, _____ não autorizo a divulgação do nome, imagem e voz de meu/minha filho (a):

_____.

Assinatura

ANEXO 3

Entrevista com o professor Gabriel Chalita:



Gabriel Chalita

***Bullying*: a solução é o diálogo e o bom exemplo**

O *Bullying* é um tema que tem sido discutido cada vez mais em escolas do Brasil e do mundo. O termo compreende vários tipos de agressões entre crianças, jovens e até mesmo entre adultos. Essas agressões não são apenas físicas, mas também psicológicas, como colocar apelidos, humilhar, discriminar, isolar, intimidar, fazer sofrer, ofender, aterrorizar, assediar, roubar, dominar.

De acordo com o membro da Academia Paulista de Letras, professor universitário e apresentador do programa Quarta Viva, na TV Canção Nova, Gabriel Chalita, o *bullying* é prejudicial porque marca a vida da pessoa para sempre.

Chalita ainda orienta que, para evitar este mal, é fundamental a participação dos pais, tendo em vista que, na maioria dos casos, o *bullying* é praticado por crianças e jovens em idade escolar. Diálogo, orientação e bons exemplos são as dicas do professor para resolver este problema.

cancaonova.com: O que é *bullying*?

Chalita: A definição mais fácil para *bullying* é uma agressão à alma, é um ato de covardia que se faz repetidamente contra uma criança, um adolescente, contra um jovem. Por exemplo, uma criança que sofre preconceito na sala de aula porque é negra, gorda, é mulher ou homem; um preconceito porque alguém é estrangeiro ou tem dentes feios, mau hálito ou é pobre. O *bullying*, às vezes, é até um tipo de "brincadeira", mas uma brincadeira covarde, pois é sempre o mais forte fazendo com que o mais fraco sofra numa relação de sala de aula ou profissional.

cancaonova.com: Esta prática é prejudicial às crianças?

Chalita: Ele é prejudicial porque marca a vida da pessoa para sempre. Há muitos casos de jovens, em muitos países do mundo, que se matam por causa do *bullying*. É como essas histórias americanas de um jovem que entra no teatro e mata

outros jovens e depois se mata. Isso é um tipo de culminância do *bullying*. É alguém que não aguentava mais sofrer, por isso acabou matando outras pessoas e destruindo a própria vida.

cancaonova.com: Quais são os tipos mais comuns?

Chalita: Os tipos mais comuns são as brincadeiras; os pequenos tapas. É um menino que não joga bola muito bem e todo mundo bate na cabeça dele. O obeso também sofre muito na escola, pois há até uma brincadeira em que a pessoa [obesa] senta e todos se levantam, como se fosse uma gangorra. Uma fofoca em que os meninos inventam alguma coisa e todo mundo fica olhando de uma forma estranha para alguém. Esses são os tipos mais comuns, mas há situações complexas que são os de violência propriamente dita. Hoje, há um tipo de *bullying* chamado *cyberbullying*, ou seja, as pessoas fazem uma filmagem ou, às vezes, uma montagem de alguma coisa ruim da vida de alguém e coloca na internet. Todos começam a ver cenas, que, muitas vezes, não são verdadeiras, mas que destroem a imagem de quem foi vitimizada na *internet*.

cancaonova.com: O que o senhor acha que está faltando na educação de nossas crianças?

Chalita: As famílias não estão cumprindo o papel delas. Se houvesse diálogo nas famílias, se os pais orientassem os filhos... mais do que isso, se eles dessem bons exemplos a seus filhos isso não aconteceria. Muitas vezes, as palavras comovem, mas são os exemplos que arrastam, como diz o ditado. Então, se o pai e mãe têm uma postura correta, digna, nobre, eles ajudam os filhos a ter valores. Pais religiosos que rezam e conversam juntos ajudam a acabar com o *bullying* tanto do agressor quanto da vítima. O problema da vítima do *bullying* ocorre quando ela não conta o que está acontecendo, porque tem medo dos pais; não tem diálogo em casa. Então, é algo que precisa acontecer dos dois lados: a pessoa não agride, porque aprende em casa que não deve agredir; e o outro não é uma vítima calada que sofre sozinha, porque pode contar com a amizade dos pais.

cancaonova.com: Essa prática pode marcar a vítima durante toda a vida?

Chalita: Sim, por isso é importante que os pais percebam as reações de seus filhos. Observar se o filho gostava de ir à escola, mas já não gosta mais; se a filha, que era muito participativa, agora fica quieta, tímida. Se o filho está escondendo

alguma coisa, isso quer dizer que algo estranho está acontecendo na vida deles. Para termos uma ideia do elemento assustador que é o *bullying*, hoje, há um relato, nos países que fizeram uma pesquisa sobre este assunto, de que 40% das crianças, em idade escolar, sofrem desse mal. Quase metade da população escolar passa por isso. Daí a importância do tema e dos pais estarem bem preocupados em como orientar seus filhos para que eles não sofram as consequências do *bullying*.

cancaonova.com: Uma criança que pratica o *bullying* na infância pode se tornar um adulto agressivo e violento?

Chalita: Uma criança que sofre de *bullying* ou o pratica aprende a bater. Fiz uma pesquisa sobre esse assunto e muita gente respondeu que era um agressor do *bullying*. E como eles começaram a ser agressores? Há um caso em que o filho chegou para o pai, em casa, e disse que apanhou na escola. Daí, este pai deu uma surra nele para ele aprender a ser homem, porque homem não apanha. A partir disso, a criança começou a bater nos colegas, na escola, para contar ao pai que, agora, ele batia e não apanhava mais. Então, veja como o mau exemplo destrói a pessoa para a vida toda. Ele chegou a ser preso por agressão, lesão corporal dolosa, quase foi condenado por tentativa de homicídio por causa de uma coisa que aprendeu na infância. Temos que tomar cuidado, porque a criança é como uma esponja. Se você coloca uma esponja numa água limpa, ela vai sugar coisas boas e limpas; mas, numa água suja, ela vai sugar sujeira.

cancaonova.com: Você acredita que a maioria das pessoas foram influenciadas pelo *bullying*?

Chalita: Sim, porém não conhecíamos muito sobre isso. Parece que é normal, mas ele começou a ser estudado na década de 70 na Noruega. No Brasil, faz cinco que se estuda *bullying*. Há muitas pessoas que são tímidas e não conseguem falar em público, porque têm medo de se expor. As pessoas têm sérios problemas por causa de coisas que sofreram na escola. Eu acho que as vítimas de *bullying* precisam se libertar disso. Nós devemos prevenir para que outras pessoas não sofram a mesma coisa. Educação, já dizia Dom Bosco, é a arte do coração. Se educarmos com amor, não existirá *bullying* nem preconceito; não existirá discriminação, maldade. Quem ama cuida; quem ama prepara alguém para a vida.

ANEXO 4

As enquetes escolhidas pelos alunos após a reescrita e aplicadas a 81 estudantes do período vespertino.

**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
ENQUETES SOBRE O *BULLYING***

OBSERVAÇÃO: NÃO PRECISA SE IDENTIFICAR SUAS RESPOSTAS NÃO SERÃO DIVULGADAS INDIVIDUALMENTE.

Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin.

Professor: César Vicente da Costa.

Turma: 9º ano C matutino.

1- Você já sofreu ***bullying***? Em que lugar?

- a. () não, nunca sofri ***bullying***
- b. () sim, na escola
- c. () sim, na igreja
- d. () sim, em outro lugar

2- Como você reagiu após sofrer ***bullying***?

- a. () Eu não não sofri ***bullying***
- b. () Eu não contei para ninguém
- c. () Eu falei para a direção/coordenação da escola
- d. () Eu falei para um professor (a)
- e. () Eu falei para um amigo

3- Você já praticou ***bullying***? Em que lugar?

- a. () não, nunca pratiquei ***bullying***
- b. () sim, na escola
- c. () sim, na igreja
- d. () sim, em outro lugar

4- O que você acha que deveria acontecer com a pessoa que pratica o ***bullying***?

- a. () sofrer o mesmo que pratica
- b. () receber ajuda da família e de um psicólogo
- c. () receber ajuda da escola
- d. () receber punição da justiça

ANEXO 5

Página do perfil do professor César Vicente da Costa (**César Profletras Unemat Sinop**) criada na rede social **Facebook** para o projeto:



<https://www.facebook.com/CESARPROFLETRASUNEMATSINOP>

Grupo **ESCOLA CONTRA O BULLYING** criado na página de perfil do professor César para a circulação e socialização dos textos produzidos pelos alunos e também postagens pertinentes ao tema:



<https://www.facebook.com/groups/382864901910873/>

ANEXO 6

Postagem do aluno Jarison José da Silva um dos mais engajados no projeto:

ESCOLA CONTRA O BULLYING

Jarison Jose Da Silva compartilhou o vídeo de Pastor Antônio Júnior
24 de junho às 19:27

TEMOS QUE ACABAR COM O BULLYING DIGA NÃO

Mãe lê a mensagem do filho de apenas 16 anos que se matou! Precisamos acabar com o Bullying! Daniel era um menino que tinha um coração enorme e adorava ajudar as pessoas, mas isso não impediu que ele fosse vítima de Bullying pelos seus colegas durante 9 anos. Ele era xingado, zombado e jogavam até lixo nele, sem motivo algum. E foi uma mensagem de SMS que fez com que ele tirasse a própria vida. Por favor, compartilhe este vídeo e ajude as pessoas a sensibilizarem para o problema do Bullying. Precisamos parar as diferenças e não julgar ninguém. Se você está passando por uma situação parecida, não fique calado. Avise seus pais, professores, participe e peça ajuda. Vamos acabar com o Bullying! "Há palavras que ferem como espada", mas a língua dos sábios traz a cura." (Provérbios 12:18) Acesse > www.pastorantoniopastor.com.br

Mãe lê a mensagem do filho de apenas 16 anos que se matou.

47.365 visualizações

Pastor Antônio Júnior

Mãe lê a mensagem do filho de apenas 16 anos que se matou! Precisamos acabar com o Bullying!

Daniel era um menino que tinha um coração enorme e adorava ajudar a...

Ver mais

Descurtir · Comentar · Compartilhar

Você, Markus Paulo e Elaine Cós curtiram isso. Visualizado por 6

Motivos Para ser Feliz
Markus Paulo e outros 8 amigos entraram

negocio fechado- Juina e Região
Markus Paulo e outros 15 amigos entraram

Português (Brasil) · Privacidade · Termos · Cookies · Anúncios · Opções de anúncio · Mais · Facebook © 2015

Higor Alves · Celular
João Victor Oliveira
Markus Paulo · 1m
Sara Neves · 1m
Diego Oliveira ... · Celular
Wesley Pqno · 1m
Hevellyn Dalia Costa
Jakeline Zanarde · 1m
Diego Pescador · 1m
Jarison Jose Da Silva
Angelica Diniz
Amanda Nicolau · 1m
Jessica Nascimento
João Victor Ferrut · 1m
Josieli Duffeke

CONVERSAS EM GRUPO
todos contra o bullying

16:25
16/06/2015

<https://www.facebook.com/groups/382864901910873/>

Postagem do professor César Vicente da Costa das enquetes produzidas pelos alunos:

ESCOLA CONTRA O BULLYING

César Proletras Unemat Sinop
4 min

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
ENQUETES SOBRE O BULLYING APLICADAS COM OS ALUNOS DO 3º CICLO VESPERTINO.

Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin.
Professor: César Vicente da Costa.
Turma: 9º ano C matutino.

1- Você já sofreu bullying? Em que lugar?
a) () não, nunca sofri bullying
b) () sim, na escola
c) () sim, na igreja
d) () sim, em outro lugar

2- Como você reagiu após sofrer bullying?
a) () Eu não não sofri bullying
b) () Eu não contei para ninguém
c) () Eu falei para a direção/coordenação da escola
d) () Eu falei para um professor (a)
e) () Eu falei para um amigo

3- Você já praticou bullying? Em que lugar?
a) () não, nunca pratiquei bullying
b) () sim, na escola
c) () sim, na igreja
d) () sim, em outro lugar

4- O que você acha que deveria acontecer com a pessoa que pratica o bullying?
a) () sofrer o mesmo que pratica
b) () receber ajuda da família e de um psicólogo
c) () receber ajuda da escola
d) () receber punição da justiça

Enviar mensagem · Convidar por e-mail

DESCRIÇÃO
ESSE GRUPO FOI CRIADO PARA REFLEXÃO E AÇÃO SOBRE O BULLYING NA ESCOLA ESTADUAL PADRE EZEQUIEL RAMIN

MARCAÇÕES:
Qual é o assunto deste grupo?

SOLICITAÇÕES (5)
Lorraine Eduarda · 16 amigos no grupo
Bruno De Souza · 15 amigos no grupo
Max Guedes Russo · 18 amigos no grupo

CRIAR NOVOS GRUPOS
Os grupos tornam mais fácil compartilhar com amigos, familiares e companheiros de equipe. [Criar grupo](#)

FOTOS RECENTES DO GRUPO
VER TUDO

Higor Alves · Celular
João Victor Oliveira
Markus Paulo · 3h
Sara Neves · 2h
Diego Oliveira ... · Celular
Wesley Pqno · 1h
Hevellyn Dalia Costa
Jakeline Zanarde · 1h
Diego Pescador · 17h
Jarison Jose Da Silva
Angelica Diniz
Amanda Nicolau · 36m
Jessica Nascimento
João Victor Ferrut · 7h
Josieli Duffeke

CONVERSAS EM GRUPO
todos contra o bullying

16:31
16/06/2015

<https://www.facebook.com/groups/382864901910873/>

ANEXO 7

Texto de aluno do 9º ano "C"

-	/	/
S	T	Q
Q	S	S
D		

* O que o bullying escolar significa pra você.

- () Uma brincadeira
- () Uma agressão física
- () eu só uma zoeira entre amigos.

* Como você reage após sofrer bullying.

- () se calar
- () falar pra sua mãe
- () Denunciar para membros escolar.

* Que tipo de bullying você já sofreu?

- () Agressão verbal
- () Agressão psicológica
- () Agressão física
- () cyber-bullying

ANEXO 8

Texto de aluno do 9º ano "C"

* O que o bullying escolar significa pra você?

Uma brincadeira.

Uma agressão física.

Só uma zebra entre amigos.

* Como você reagiu após sofrer bullying?

Se calou.

Falou para seus pais.

Denunciou para integrantes da Escola.

* Que tipo de bullying você já sofreu?

Agressão verbal.

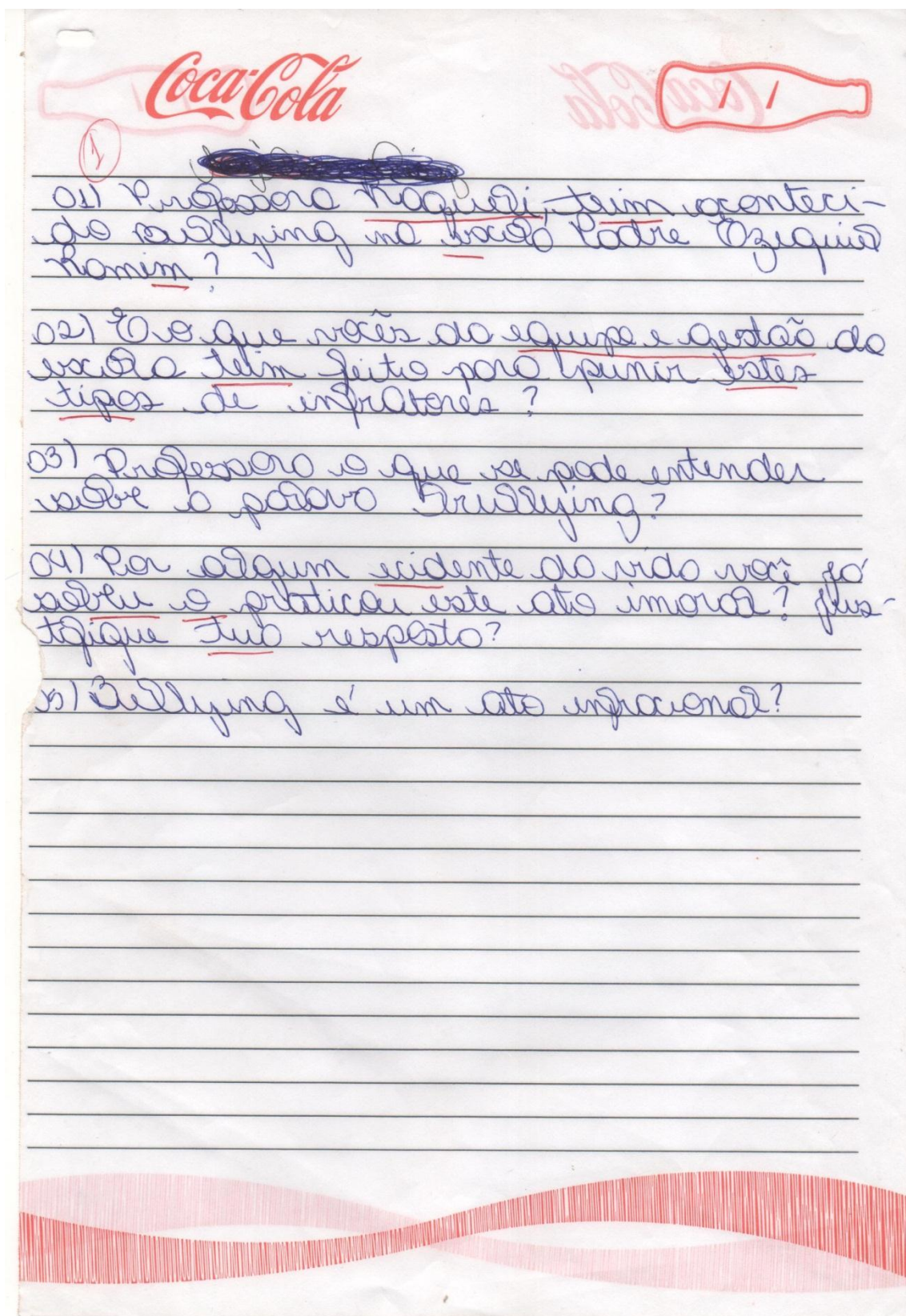
Agressão psicológica.

Agressão Física.

Cyberbullying.

ANEXO 9

Texto de aluno do 9º ano "C"



The image shows a piece of lined paper with a Coca-Cola logo at the top left and a drawing of a Coca-Cola bottle at the top right. The text is handwritten in blue ink and consists of five numbered questions:

- 01) ~~Professor Rodrigo, tem acontecido bullying no trabalho Padre Ozequiel Romim?~~
- 02) O que verões do equipe e gestão do trabalho tem feito para punir estes tipos de infrações?
- 03) Professor o que se pode entender sobre o palavra Bullying?
- 04) Por algum acidente do trabalho ou por algum crime ou ato imoral que se cometeu no trabalho tem algum tipo de bullying que se apresenta?
- 05) Bullying é um ato imoral?

ANEXO 10

Texto de aluno do 9º ano "C"

PRETORIAN / /

6

1- A escola têm desenvolvido algum Projeto Para lidar com o Bullying?

2- ~~Que~~ Que procedimentos são tomados quando alguém sofre Bullying na escola?

3- O que acontece com o agressor quando alguém vem aqui na coordenação e faz a denúncia?

4- Qual seria a melhor forma de se lidar com o Bullying?

5- Na sua opinião os agressores do Bullying desenvolvem esse problemas na escola ou em casa?

PRETORIAN
WWW.PRETORIAN.COM

ANEXO 10

Alunos aguardando a Coordenadora Raqueline Bernardi para a entrevista.



Publicação na 26ª edição do jornal escolar *informEzequiel*.

